



# **SÃO VICENTE**

## **LISBOA 850 ANOS**

Comemoração dos  
850 anos da chegada  
a Lisboa das relíquias  
de São Vicente  
1173-2023

# COMEMORAÇÃO DOS 850 ANOS DA CHEGADA A LISBOA DAS RELÍQUIAS DE SÃO VICENTE

setembro de 2023 | janeiro de 2024  
**A história e o culto de São Vicente**  
Atividades comemorativas



## **Câmara Municipal de Lisboa**

Pelouro da Cultura

Diogo Moura

## **Direção Municipal da Cultura**

Laurentina Pereira

## **Departamento de Património Cultural**

Jorge Ramos de Carvalho

## **Coordenação editorial**

Edite Martins Alberto

Hélia Silva

## **Textos**

Edite Martins Alberto

Francisco José Tito Espinheira

Hélia Silva

João Vaz

José Manuel Garcia

Paulo Almeida Fernandes

## **Design gráfico**

João Rodrigues

## **Fotografia**

José Vicente e Arquivo Municipal de Lisboa

## **Impressão e acabamentos**

Imprensa Municipal / CML

## **Tiragem**

1000 exemplares

## **ISBN**

978-972-8543-70-9

## **Depósito Legal**

519644/23

© Câmara Municipal de Lisboa

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico, sem o prévio conhecimento e autorização da Câmara Municipal de Lisboa e dos respetivos autores.

(Elementos gráficos recolhidos em capas da Revista Municipal)

- 8** *Comemorar São Vicente 850 depois*  
Edite Alberto e Hélia Silva
- 11** *São Vicente, construtor da cidade de Lisboa*  
Cón. Francisco José Tito Espinheira
- 16** *Corpo fragmentado. Viagem pela geografia medieval das relíquias de São Vicente*  
Paulo Almeida Fernandes
- 24** *Naus no brasão de Lisboa com a representação de São Vicente*  
José Manuel Garcia
- 28** *São Vicente na música*  
João Vaz
- 30** *São Vicente no Patriarcado de Lisboa*  
Edite Alberto e Hélia Silva
- 52** *Para saber mais*  
Bibliografia breve sobre São Vicente
- 54** *Atividades comemorativas*  
Evocação dos 850 anos da chegada a Lisboa das relíquias de São Vicente  
Sessão solene nos Paços do Concelho  
Solene pontifical na Sé de Lisboa  
Visita ao Mosteiro de São Vicente de Fora  
Mesa-redonda: Um santo entre tempos  
Concerto de órgão e coro na Igreja do Mosteiro de São Vicente de Fora
- 58** *Outros eventos comemorativos (2023-2024)*
- 59** *Solenidade de São Vicente (celebração litúrgica)*
- 60** *Representação teatral "Auto de São Vicente" de Afonso Alvares*
- 64** *Exposição digital "São Vicente, a Cidade e o Mar"*
- 70** *Conferências | Colóquios*
- 74** *Percursos e visitas temáticas*
- 79** *Oficinas para famílias*
- 82** *Publicações*
- 86** *Workshop*
- 87** *Arte Urbana*
- 88** *Contactos*

# Comemorações Calendário 2023 2024

## setembro

- 9**  
Visita temática  
"São Vicente Passado e Presente" (p. 74)
- 15**  
Sessão solene  
Paços do Concelho (p. 55)
- 16**  
Celebração litúrgica Sé de Lisboa (p. 56)
- Visita temática  
Mosteiro de São Vicente de Fora (p. 56)
- Mesa-redonda  
"Um santo entre tempos" (p. 57)
- Concerto de órgão e coro  
"São Vicente de Saragoça a Lisboa" (p. 57)
- Oficina para famílias  
"São Vicente e os Corvos" (p. 79)
- Oficina para famílias  
"O cofre das relíquias" (p. 79)
- 26**  
Percurso pedestre  
"Rota da trasladação das relíquias  
de São Vicente" (p. 76)
- 28**  
Percurso autocarro  
"Representações iconográficas de  
São Vicente na cidade" (p. 77)
- 30**  
São Vicente na heráldica e ex-libris (p. 72)
- (em dias a confirmar)**  
Conferência Ciclo Vicentino (p. 71)
- Exposição digital  
"São Vicente, a Cidade e o Mar" (p. 64)
- Jornal Kivo, nº 6 (p. 83)

## outubro

- 14**  
Visita temática  
"São Vicente  
Passado e Presente" (p. 74)
- 17**  
Percurso pedestre  
"Rota da trasladação das  
reliquias de São Vicente" (p. 76)
- 19**  
Percurso autocarro  
"Representações  
iconográficas de  
São Vicente na cidade" (p. 77)
- 21**  
Colóquio  
"Conversas com  
São Vicente" (p. 73)
- (em dias a confirmar)**  
Brochura  
"O brasão de Lisboa", (p. 82)
- Pintura de mural  
MURO\_LX, (p. 87)

6

## novembro

- 11**  
Visita temática  
"São Vicente  
Passado e Presente" (p. 74)
- 21**  
Percurso pedestre  
"Rota da trasladação das  
reliquias de São Vicente" (p. 76)
- 23**  
Percurso autocarro  
"Representações iconográficas de  
São Vicente na cidade" (p. 77)
- (em dias a confirmar)**  
Workshop para técnicos de  
informação turística (GEO) (p. 86)
- Publicação para público juvenil  
"São Vicente em Lisboa" (p. 83)

## dezembro

- 9**  
Visita temática  
"São Vicente  
Passado e Presente" (p. 74)
- (em dias a confirmar)**  
Leitura encenada  
"Auto de São Vicente de  
Afonso Alvares" (p. 60)

## janeiro

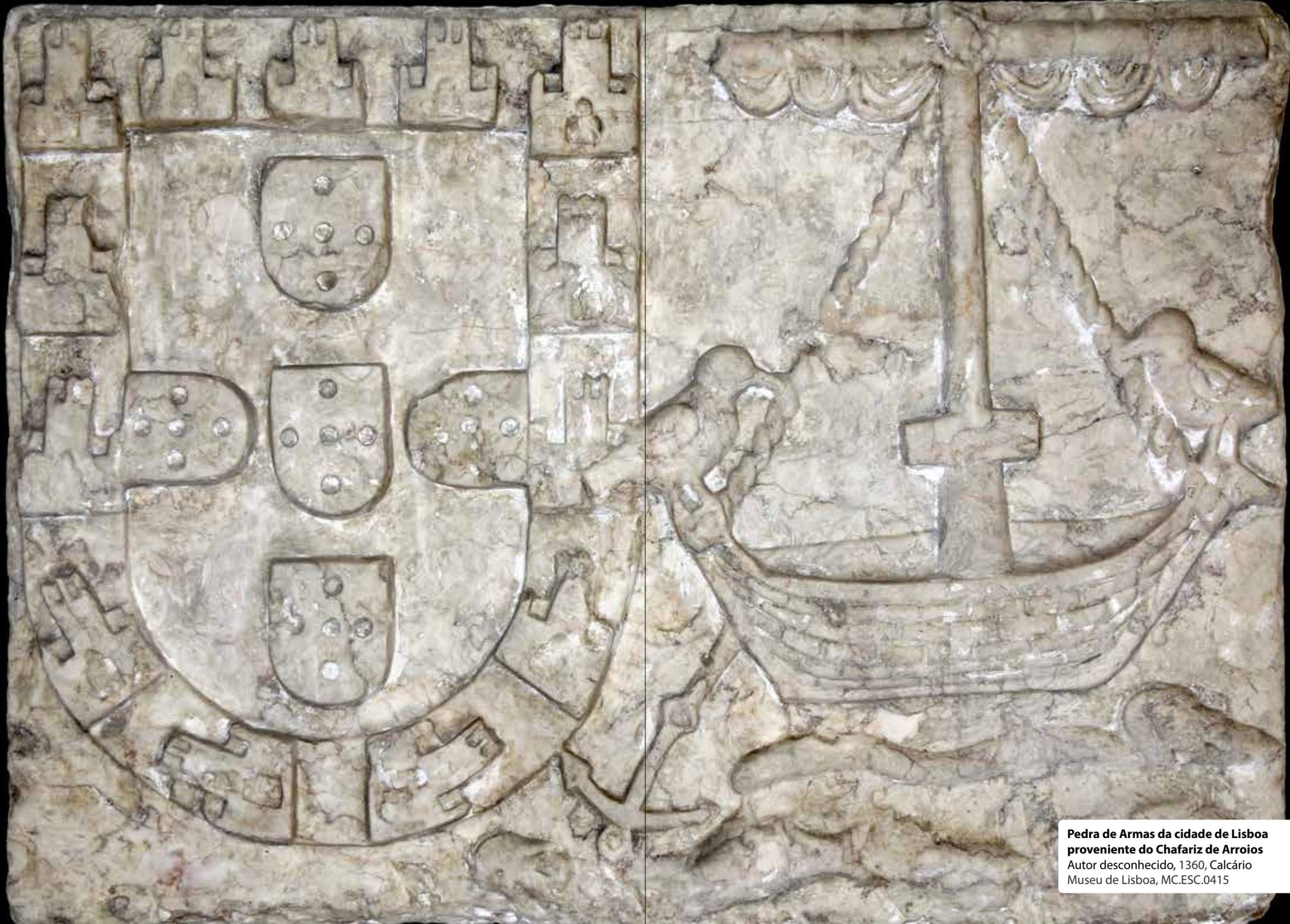
- 20**  
Visita temática  
"Com os Santos  
da Casa" (p. 75)
- 22**  
Solenidade de  
São Vicente (p. 69)
- 23**  
Percurso pedestre  
"Rota da trasladação  
das relíquias de  
São Vicente" (p. 76)
- 25**  
Percurso autocarro  
"Representações  
iconográficas de  
São Vicente  
na cidade" (p. 77)



*E depois que do mártire Vicente  
O santíssimo corpo venerado  
Do Sacro Promontório conhecido  
À cidade Ulisseia foi trazido.*

Luis de Camões, *Os Lusíadas*, canto III, est. 74

7



**Pedra de Armas da cidade de Lisboa**  
proveniente do Chafariz de Arroios  
Autor desconhecido, 1360, Calcário  
Museu de Lisboa, MC.ESC.0415

## COMEMORAR SÃO VICENTE 850 ANOS DEPOIS



“O santo mártir Vicente em tudo vencedor. Venceu nas palavras, venceu nos tormentos, venceu na confissão, venceu na tribulação, venceu abrasado pelo fogo, venceu submerso pelas ondas; por fim, venceu torturado, venceu morto”  
(Sermão 274)

Estas palavras que iniciam um dos sermões de Santo Agostinho (354-430), pregado no dia de São Vicente, testemunham como a vida e o exemplo de santo, martirizado a 22 de janeiro de 304, já eram uma referência para os cristãos no início do século V. “Que região, ou que província, aonde se tenha estendido o império romano ou o nome de Cristo, não se alegra hoje ao celebrar o dia natalício de Vicente? (Sermão 276)”, pergunta Santo Agostinho, exaltando a dimensão geográfica e a importância do culto vicentino. A hagiografia refere-nos a importância de Valência, que se assumiu desde logo como a sua sede privilegiada pois aqui ficava a igreja onde o corpo era venerado pelos devotos bem como Saragoça, onde Vicente fora diácono e onde se iniciara o martírio. Nos séculos seguintes, proliferaram igrejas dedicadas a São Vicente por toda a Península Ibérica e França. Sabe-se que no território de Portugal já existiam igrejas dedicadas ao culto vicentino, anteriores à conquista de Lisboa em 1147. Teria sido voto de D. Afonso Henriques mandar construir dois mosteiros no local dos dois cemitérios onde se sepultaram os cruzados que faleceram na tomada da cidade. Assim, surgiu Santa Maria dos Mártires e São Vicente, esta

última, posteriormente, entregue aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Segundo a crónica de Al-Razi, composta no século X, os cristãos de Valência teriam levado o corpo de São Vicente para o Promontório Sacro, hoje cabo de São Vicente, em Sagres. Pela narração do final do século XII, do Mestre Estevão, chantre da Sé de Lisboa, temos notícia de como um grupo de cristãos moçárabes revelou interesse na recuperação das relíquias do santo, e as trazerem para para Lisboa. A presença do culto na Sé de Lisboa contribuiu para a afirmação de D. Afonso Henriques no contexto político e da cidade como centro religioso do culto vicentino. Padroeiro da cidade de Lisboa e da família real portuguesa, São Vicente tornou-se alvo de veneração como o testemunya o relato dos seus milagres e a construção de edificações sob a sua proteção como a Torre de São Vicente de Belém, mandada construir por D. Manuel, para defesa da cidade de Lisboa, ou dedicados ao seu culto como o Mosteiro de São Vicente de Fora, reedificado e engrandecido por Filipe I. Estes locais tanto de culto como aludindo à proteção do santo, multiplicam-se por todo o território português, especialmente nos limites do Patriarcado de Lisboa. Segundo Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I* (cap. XLIX), a Câmara de Lisboa, após a Batalha de Aljubarrota, em ação de graças pelo triunfo alcançado, ordenou várias solenidades religiosas. Uma das principais foi “que per dia de São Vicente, principal patrão da Cidade, por cujos rogos ante Deos entendiam ser muito ajudados, fizesse procissão na igreja Catedral”. Mais tarde, em 1614, a Câmara acordou com o Cabido da Sé a organização das solenidades, ficando a cidade responsável pela festa da trasladação (15-16 de setembro), enquanto a Sé encarregava-se das cerimónias respeitantes ao martírio do

santo (22 de janeiro). Este acordo foi várias vezes evocado, como o confirma o assento de 1618 confirmando a organização pela Câmara das solenidades alusivas à chegada das relíquias a Lisboa, tal como o fizera nos anos anteriores (Arquivo Municipal de Lisboa, *Livro 3º. Dos Assentos do Senado*, fl. 129). Com o passar do tempo a Cidade foi descurando a festividade da trasladação, mantendo-se apenas a comemoração do dia do martírio pelo Cabido da Sé, anualmente no dia 22 de janeiro num ambiente de grande solenidade, com celebração litúrgica na Sé perante a presença de toda a comunidade diocesana e dos dirigentes da Câmara Municipal de Lisboa. Para além desta data, recordada anualmente, a edilidade e o Patriarcado de Lisboa têm marcado os centenários com exposições e publicações que têm contribuído para o conhecimento da história e culto de São Vicente. Em 1973, comemorou-se o 8º centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa com uma exposição iconográfica e bibliográfica no Palácio Pimenta, do qual resultou o catálogo com textos da então conservadora chefe do Museu da Cidade, Irisalva Moita. Em 2004, o Cabido da Sé Metropolitana de Lisboa organizou a exposição e respetivo catálogo “São Vicente, Diácono e Mártir. Padroeiro de Lisboa”, na Sé Patriarcal de Lisboa, evocativa dos 1700 do martírio do santo em Valência, em colaboração com o Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano. A exaustiva reprodução da iconografia vicentina a par com textos de investigação, constitui uma obra de referência para todos os que querem conhecer o santo. No ano em que se comemoram os 850 anos da chegada a Lisboa das relíquias de São Vicente, a Direção Municipal de Cultura, através do Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa propôs-se a organizar, em conjunto com

o Cabido da Sé de Lisboa, um programa de iniciativas para comemorar a data junto dos lisboetas. Assim, os dias 15 e 16 de setembro, respetivamente o dia em que tradicionalmente as relíquias chegaram a Lisboa e o dia em que foram colocadas na Sé da cidade, serão marcados por uma sessão solene de abertura das comemorações nos Paços do Concelho, por celebrações litúrgicas, um encontro de investigadores sobre a história e culto de São Vicente, e um concerto de órgão e coro na igreja do Mosteiro de São Vicente de Fora. A estas iniciativas juntaram-se um variadíssimo leque de entidades, de cuja união, surgiu o programa que aqui apresentamos. O objetivo é proporcionar um conjunto de atividades destinado à academia, ao público em geral, às famílias e aos jovens em idade escolar, proporcionando que, de uma forma acessível, se conheça e debata a importância da evocação dos 850 anos. Numa cidade, cujo brasão ostenta as insígnias de São Vicente – o barco e os corvos –, simbologia que vemos replicada em todos os edifícios municipais, nos equipamentos urbanos, na decoração das calçadas, na arte pública, tornam a presença do santo uma constante na vida da cidade. Pretendemos assim, com estes textos e programa proporcionar um maior entendimento desta simbologia e incrementar o conhecimento sobre São Vicente, figura incontornável na história da cidade de Lisboa.

Edite Alberto  
Investigadora (História)  
Departamento de Património Cultural, DMC, CML  
Centro de Humanidades, NOVA FCSH

Hélia Silva  
Arquiteta  
Departamento de Património Cultural, DMC, CML  
Instituto de História da Arte, NOVA FCSH



**São Vicente**  
Autor desconhecido  
1973, Gesso pintado  
Museu de Lisboa, MC.ESC.0450  
Réplica da imagem de S. Vicente, existente no Cruzeiro de Arroios.

# SÃO VICENTE CONSTRUTOR DA CIDADE DE LISBOA

As comemorações dos 850 anos da chegada das relíquias de S. Vicente voltam a reunir a Autarquia e o Cabido da Sé de Lisboa, como tem acontecido ao longo dos tempos e acontece todos os anos a 22 de Janeiro, para a celebração do martírio de S. Vicente. Só este facto revela a importância atual de S. Vicente: reunir. Uma cidade, entendamo-la como “Urbs”, ou como “civitas”, não é definida pelo número de habitantes, mas pelas relações sociais estabelecidas entre os que a habitam. A urbanidade e a civilidade são virtudes da convivência dos cidadãos. Durante os cerca de 400 anos em que os habitantes de Lisboa estiveram sob a “colonização” muçulmana, não foi sempre pacífica a convivência entre eles, nem após a libertação da cidade do domínio muçulmano a harmónica convivência foi imediatamente conseguida como atesta a Carta a Osberno que refere a morte do Bispo moçárabe pelos cruzados colonenses e flamengos. Libertada a cidade, a D. Afonso Henriques que, segundo a mesma Carta a Osberno, por convénio com os cruzados, não participou no assalto à cidade nem no seu saque, impunha-se a pacificação de Lisboa e a ordenação da vida social e religiosa. A vinda das relíquias de S. Vicente, mártir de grande devoção dos moçárabes, inscrever-se-á nesse programa: instaurar a vida cívica da cidade promovendo a convivência no respeito pela diversidade e especificidade cultural e religiosa dos que a habitam. O facto é que Lisboa, ao longo dos

séculos, cresceu na convivência intercultural que tem nos nossos dias novos desafios. A este respeito escreveu D. José Policarpo na abertura no catálogo da exposição comemorativa dos 1700 anos do martírio de S. Vicente: A devoção a S. Vicente remete-nos (...) para um período da Igreja de Lisboa em que os cristãos convivem com outra religião e permanecem fiéis em ambiente de pluralidade cultural. Esse é cada vez mais o rosto de Lisboa contemporânea. Aí os cristãos são chamados a ser sinal, não apenas de uma fé, mas também de uma cultura, aprendendo a arte de conviver, na tolerância e no respeito pelos outros, sem renunciarem à autenticidade da sua fé. Neste projeto da restauração da Lisboa recém libertada, a dimensão religiosa é vista, não como um prejuízo, mas como um enriquecimento para a vida social. A experiência religiosa é sempre uma experiência e uma exigência de ligação a outrem que no cristianismo se universaliza: todos os homens são irmãos e devem ser amados como tal. Volvidos 850 anos da chegada das relíquias de S. Vicente a Lisboa, martirizado no ano 304 em Saragoça, ainda faz sentido comemorar? Não está já conseguido o objetivo da vinda das suas relíquias? Quando chegarem os dias 15 e 16 de Setembro, Lisboa terá experimentado a alegria e entusiasmo de centenas de milhares de peregrinos jovens que se concentraram para participar na Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023. Nesse evento não interessará o número dos participantes, mas a razão que os trouxe a Lisboa: encontrarem-se, reconhecerem-se como parte de um todo que transcende o que cada um é, mas que integra o que cada um é, num todo que completa e, por isso,

amplia e enriquece o que de singular cada qual é. Foi para fomentar isto que vieram as relíquias de S. Vicente para Lisboa e, por causa disso, foi escolhido para patrono desta Jornada Mundial da Juventude. A paz social e a coesão social são obra nunca concluída, ela exige da parte de todos uma vigilância e um empenho constante, para que os egoísmos e os interesses pessoais e de grupo não venham dividir a cidade e excluir dela os mais frágeis e menos bem relacionados. S. Vicente tem, pois, ainda uma palavra a dizer à cidade e diocese de Lisboa. E com estas comemorações pretendemos dar espaço para que a diga e para que seja escutada. Essa palavra é a sua vida. Como diácono da Igreja de Valência estava encarregue dos mais débeis, para distribuir por eles a caridade de toda a Igreja e assim traze-los dos limites da indigência e da exclusão social para as possibilidades da convivência da igualdade. Como mártir de Saragoça foi leal até ao fim a Cristo e à Igreja, isto é, aos seus companheiros. Aqui fé e lealdade são a mesma coisa e revelam a integridade do seu carácter. Em Lisboa precisamos disto, precisamos sempre disto e no momento presente mais ainda! Vicente recorda-nos, isto é, traz sempre de novo ao coração, os objectivos e as qualidades dos construtores da cidade.

No brasão da cidade de Lisboa está S. Vicente. Não se vê. Veem-se os sinais exteriores da sua presença, a barca que primeiro o levou para o afundar no esquecimento dos homens e depois o trouxe para Lisboa para ser instrumento da boa convivências cívica, e os corvos que defenderam o seu corpo morto da voracidade das feras e foram, por isso, os primeiros guardiães das suas relíquias, função que desde 1173 cabe ao Cabido da Sé de Lisboa. Com estas comemorações pretende-se que S. Vicente seja visto e nele nos revejamos a nós mesmos como cidadãos, todos nesta cidade terrena e, oxalá todos da cidade celeste.

**Francisco José Tito Espinheira**

Deão do Cabido da  
Sé Metropolitana  
Patriarcal de Lisboa



# SÃO VICENTE

## ESCULTURA DE RAUL XAVIER



**Atelier do arq. Luís Xavier**  
Armando Seródio, 1968  
© Arquivo Municipal de Lisboa,  
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SE/009337



**Inauguração do monumento a São Vicente**  
Armando Seródio, 1970  
© Arquivo Municipal de Lisboa,  
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/0047SER/011526



**Largo das Portas do Sol**  
José Vicente, 2020  
© Arquivo Municipal de Lisboa,  
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/LXC/000060

## Corpo fragmentado. Viagem pela geografia medieval das relíquias de São Vicente

Para os lisboetas, não há dúvida de que as relíquias de São Vicente estão na cidade. A quase totalidade dos habitantes desconhece a matéria desses restos sagrados, hesita em atribuir o exato local onde se encontram (se na Sé, ou se no mosteiro de São Vicente de Fora), desconhece mesmo o ano, a época e o contexto em que tais relíquias aqui chegaram. No entanto, mesmo com um conhecimento assim escasso, parte dos nossos concidadãos assume instantaneamente o vínculo entre a cidade e São Vicente. Aquilo que é óbvio para os lisboetas, é também óbvio para outros habitantes de outras cidades europeias, onde também não existem dúvidas acerca da permanência ali das relíquias vicentinas. Quando os supostos restos mortais de um impossível São Vicente chegaram a Lisboa – numa longínqua madrugada de 15 de setembro de 1173 –, parcelas do seu corpo transformadas em relíquias triunfantes da cristandade repousavam em, pelo menos, cinco outros locais: Valência (Espanha), Metz e Castres (ambas em França), Monemvasia (Grécia) e Bari (Itália). Para além disso, o seu corpo santo havia estado temporariamente em outros sítios: Saragoça (Espanha), Volturno, Cortona (Itália), Creta (Grécia) e o promontório sacro do Cabo de São Vicente (Algarve, Portugal). Uma tal dispersão explica-se pela relevância do diácono de Saragoça para a cristandade medieval. Como o seu nome indica (*vincens*),

Vicente era um símbolo da vitória da fé numa Europa meridional confrontada com o constante perigo de expansão muçulmana. Muitas tradições literárias sobre as viagens míticas dos restos vicentinos partilham de um comum ponto de partida: a providencial salvação das suas relíquias perante a iminente destruição provocada pela suposta intolerância muçulmana. Na Idade Média, etapa em que a civilização ocidental não distinguia claramente devoção e razão, e em que o *maravilhoso* era um ingrediente que conferia prestígio e legitimidade a lugares, santuários, cidades, e até linhagens, a transferência de restos mortais sagrados foi uma prática que animou um macabro e numeroso comércio de relíquias. Vicente não foi exceção, embora surpreenda o número de destinos da extraordinária viagem do seu corpo múltiplo. O primeiro momento desta diáspora ocorreu no século VI, no contexto de guerra entre Francos e Visigodos. Em 541, o rei Quildeberto (sucessor de Clóvis) cercou Saragoça. No interior da cidade sitiada, a população promoveu então uma singular procissão: percorrer o perímetro superior das muralhas envergando a túnica do diácono Vicente. O monarca franco aceitou levantar o cerco, na condição de levar o sagrado manto para Paris, tendo-o depositado na igreja do mosteiro de São Vicente de Paris (hoje Saint-Germain des Près). Séculos depois, dois monges daquele cenóbio parisiense deslocaram-se a Valência, cidade onde Vicente fora martirizado pelos romanos, a 22 de janeiro de 304. O objetivo era recuperar o corpo do santo, ameaçado pelo governo muçulmano na região. Usuardo e Odillard (assim se chamavam os monges) chegaram aparentemente tarde demais, pois foram informados de que, no tempo de al-Hakam I (emir cordovês entre 796 e 822), os restos vicentinos haviam sido levados para o mosteiro de Volturno, no Sul de Itália, onde estariam mais protegidos.

18



### Dispersão medieval das relíquias de São Vicente

#### Locais onde as relíquias vicentinas receberam deposição definitiva

- 1 Lisboa
- 2 Coimbra
- 3 Porto
- 4 Valência
- 5 Saragoça
- 6 Castres
- 7 Paris
- 8 Metz
- 9 Monemvasia

#### Locais de onde as relíquias vicentinas foram trasladadas

- 10 Cabo de São Vicente, Algarve
- 11 Volturno
- 12 Cortona
- 13 Bari
- 14 Creta



A informação obtida pelos monges parecia correta. Vicente foi efetivamente cultuado no mosteiro a si dedicado em Voltorno, tendo sido depositado numa cripta construída para alojar o seu sono eterno. As suas relíquias haveriam de partir daquele local em 881, quando o mosteiro foi arrasado pelos muçulmanos. Providencialmente, encontraram lugar seguro na cidade de Cortona, onde ficaram até meados do século seguinte e onde Vicente foi padroeiro da diocese até 1981. A tradição italiana vingaria, não fosse a entrada em cena de outros dois monges franceses, procedentes do importante mosteiro de Sainte-Foy de Conques. Em 855, fizeram o mesmo caminho que os seus companheiros parisienses. Uma vez em Valência, não obtiveram a informação da viagem das relíquias até Voltorno. Pelo contrário, foi-lhes dito que o corpo de Vicente se encontrava numa igreja arruinada. Animados com a notícia, resgataram os sagrados restos e tentaram transpor a fronteira entre territórios muçulmano e cristão. Não o conseguiram e o corpo do santo, incógnito, acabou confiscado em Saragoça, paradoxalmente a cidade onde havia sido diácono. Vicente voltava a casa, mas só os desventurados monges que o haviam resgatado sabiam a quem pertencia aquela reunião de despojos. Um destes monges acabou por ingressar no mosteiro de Castres, onde finalmente conseguiu reunir condições (também políticas) para resgatar o corpo sagrado de Saragoça e levá-lo em solene procissão até ao seu novo mosteiro. Quando as relíquias chegaram a Castres, já se encontravam em Voltorno e é possível que estivessem também no Cabo de São Vicente, no Algarve, onde uma tradição, veiculada pelo menos desde o século X, dava conta da viagem do santificado espólio de Valência para este promontório em 759, pouco depois da chegada de Abd al-Rahmann I à Península Ibérica e da criação do emirato de Córdoba.

20

Mosteiro de São Vicente em Voltorno

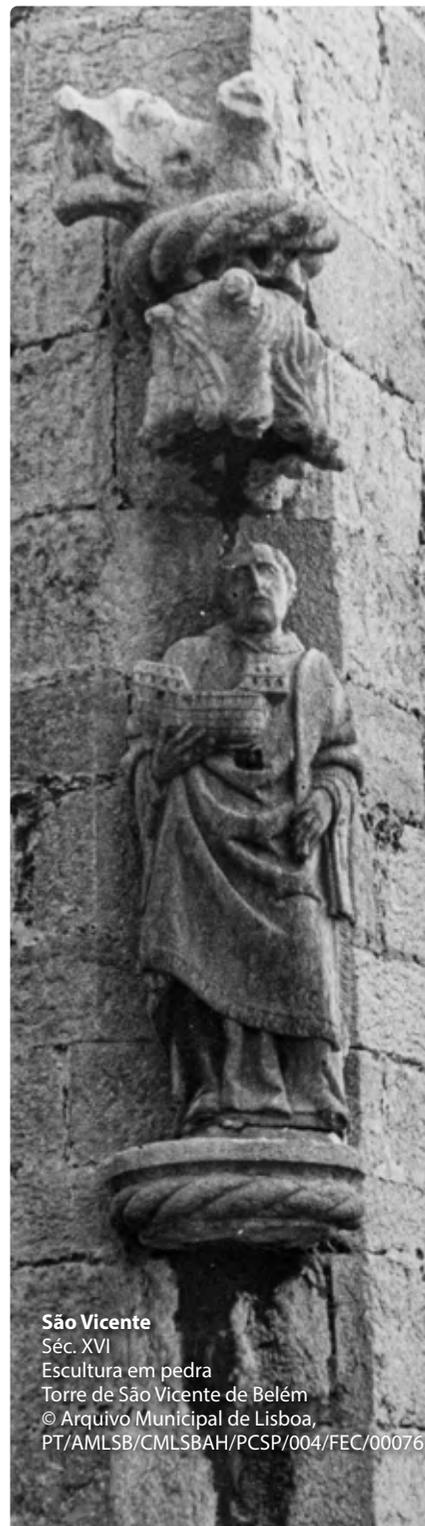
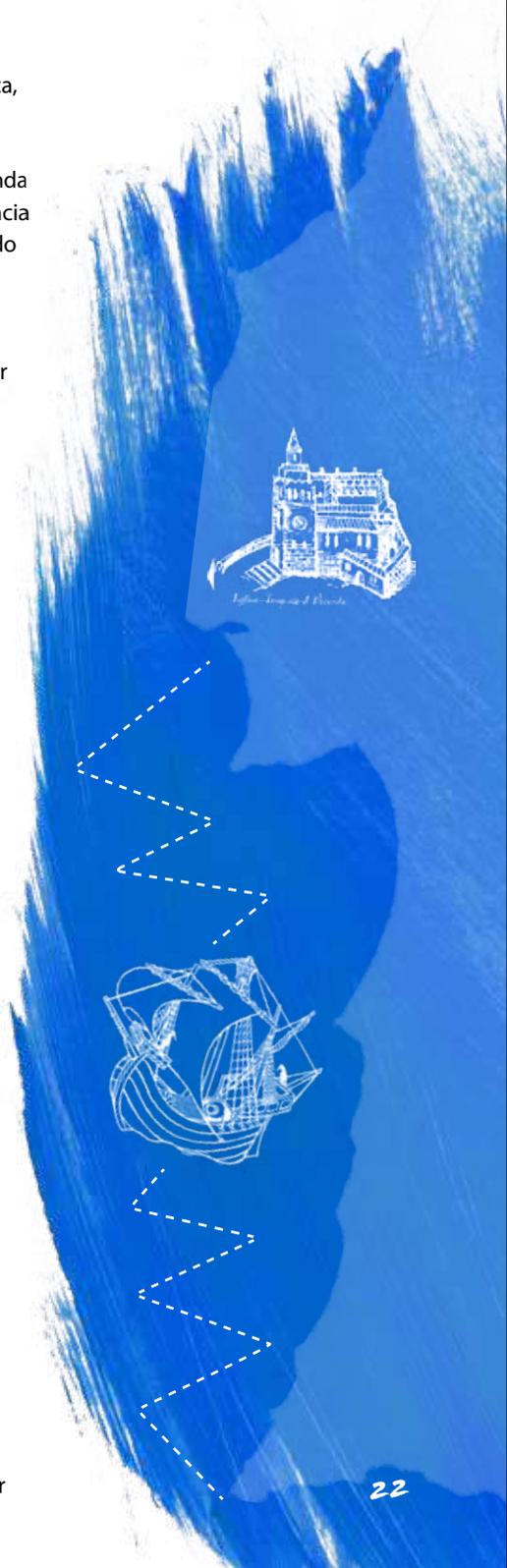


Estranha viagem esta, de um ponto costeiro mediterrânico supostamente ameaçado pelos muçulmanos, para outro destino costeiro, atlântico, situado em território também teoricamente controlado pelas forças emirais... Pouco depois de as relíquias estarem em Castres, Cortona e no Algarve, um imenso prodígio levou-as também para a Grécia. A história recua ao século X e a um momento em que uma cidade costeira no norte da ilha de Creta, cercada por muçulmanos, tinha já perdido a esperança de resistir e preparava-se para capitular. Numa certa manhã, os sitiados, ao olhar para o mar imenso (quem sabe se pela última vez), vislumbraram várias arcas a boiar, as quais miraculosamente haviam passado despercebidas à frota islâmica sitiante. Eram sarcófagos. Tinham vindo de Barcelona e continham os restos mortais de Vicente, Valério, Eulália e outros santos cultuados na Península Ibérica. A força sobrenatural fornecida pela inesperada chegada destas relíquias não salvou a ilha de Creta de ser conquistada pelos muçulmanos, mas, um século depois, o bispo de Monemvasia, cidade-rochedo ligada ao continente, no Sul da Grécia, resgatou os restos vicentinos numa igreja devastada em Creta e levou-os para a sua cidade natal, onde perpetuamente haveriam de repousar. Enquanto isto se passava no Mediterrâneo oriental, em 969 ou 970, o imperador Otão I entrou na posse das relíquias vicentinas que se encontravam em Cortona, aparentemente durante uma viagem ao Sul europeu para organizar o casamento de seu filho com uma princesa bizantina. Os restos foram encaminhados para Metz, onde se construiu a basílica de São Vicente.

21

Basílica de Metz

Séculos depois, quando se edificou a nova igreja gótica, a cabeceira foi ladeada por duas dependências para promover um circuito processional de culto ao túmulo-relicário vicentino. A viagem medieval tem ainda mais pontos de paragem. Em 1102, um bispo de Valência do qual a História não registou o nome, empreendendo a peregrinação à Terra Santa, adoeceu mortalmente em Bari e aí depositou um braço de São Vicente, que levava consigo. O braço acabou por ser devolvido à catedral valenciana em 1970, mas a notícia fez reentrar a cidade hoje espanhola (à altura aragonesa) no rol de locais que continham relíquias vicentinas. Para muitos habitantes de Valência, o corpo do santo permanece na cidade, através de uma das três tradições seguintes (ou de todas elas). No século VI, o bispo Justiniano associou à catedral paleocristã um mausoléu para memória de si próprio. Para o seu interior fez também trasladar as relíquias de São Vicente que estavam no sítio da Roqueta, onde se supõe que Vicente fora sepultado. Em 1143, perdido há muito o mausoléu daquele bispo, um monge francês da abadia de São Vicente de Laon, estando em Saragoça, recolheu a seguinte informação, junto de dois velhos monges moçárabes por aqueles anos acolhidos pelo rei Afonso I de Aragão: o corpo do santo estava numa igreja a que se chamava basílica de São Vicente do Corvo, porque ali existiam dois corvos que conduziam os peregrinos ao altar. As semelhanças desta história com a tradição da trasladação das relíquias para Lisboa é mais uma surpresa de quantas Vicente tem ainda para contar. Finalmente, em 1238, após a conquista definitiva de Valência pelo rei Jaime I de Aragão, foi construído o mosteiro de São Vicente no sítio da Roqueta. Para o sucesso da campanha militar sobre Valência, a intercessão vicentina havia sido decisiva e o objetivo do monarca era criar um centro de peregrinação internacional, composto por uma basílica martirial, um mosteiro e vários hospitais para apoio aos peregrinos. Jaime I morreu quase 40 anos depois sem ter conseguido esse intento, mas o mosteiro ainda existe, com a antiga igreja dedicada a Cristo Rei. Em outubro de 1238, quando Jaime I conquistou Valência, já São Vicente habitava também a capela-mor



**São Vicente**  
Séc. XVI  
Escultura em pedra  
Torre de São Vicente de Belém  
© Arquivo Municipal de Lisboa,  
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FEC/000761

da catedral de Lisboa. Em setembro de 1173, numa altura em que não se encontravam na cidade nem o rei, nem o bispo, uns corajosos homens fizeram-se ao mar e resgataram as relíquias vicentinas de um local arruinado na costa algarvia, onde, até há escassas décadas, tinha existido um mosteiro cristão. A localização exata do sítio fora transmitida por dois idosos moçárabes, antigos monges no mosteiro do Corvo e que, casualmente, viviam em Lisboa. Com probabilidade, fariam parte do grupo capturado por Afonso Henriques em 1139 e levado para Coimbra, de onde partiram para Lisboa porque eram efetivamente moçárabes – queriam permanecer com os árabes, como a etimologia do termo indica. As relíquias chegaram de noite, em segredo, e só no dia seguinte foram disputadas entre a catedral e o mosteiro de São Vicente de Fora. A discreta chegada do sagrado tesouro vicentino rapidamente se tornou num marco identitário lisboeta. O santo operou milagres, deu corpo aos selos municipais e episcopais, foi o mote para cerimónias régias que o tornaram patrono do reino. A barca que alude à prodigiosa trasladação dos seus restos, desde um cabo do fim do mundo até à urbe da foz do Tejo, e os corvos, vigilantes protetores que acompanharam aquela mítica viagem, passaram a ser a imagem mais imediata de Lisboa. Mesmo tendo o culto irradiado para Coimbra e Porto, graças a um braço do santo que o rei Afonso Henriques guardou para si, foi em Lisboa que Vicente encontrou mais uma casa para eternamente repousar. Ainda hoje, muitos lisboetas reconhecem imediatamente as insígnias vicentinas, como suas e únicas da sua cidade, alheios ao facto de, ao mesmo tempo, nos outros lugares onde Vicente perpetuamente dorme, outras pessoas assumirem exatamente o mesmo.



**Símbolo de Lisboa - molde para calçada**  
Madeira  
Câmara Municipal de Lisboa  
© José Vicente, 2018



## Naus no brasão de Lisboa com a representação de São Vicente

A importância de São Vicente na História de Lisboa evidencia-se através de múltiplas expressões, nomeadamente e de forma indireta na visualização das grandes naus que faziam a riqueza da cidade no século XVI. Tal facto constata-se a partir da análise do brasão de Lisboa que tem como figura central e simbólica o navio que transportou as relíquias de São Vicente do Algarve para Lisboa, o qual, de acordo com a tradição, foi acompanhado por corvos que estavam junto das referidas relíquias no cabo de São Vicente. A partir de 1502, quando D. Manuel I mandou representar o símbolo heráldico da divisa de Lisboa como uma nau deixou de se usar a tradicional barca que vinha desde os tempos medievais. Esta atitude permitiu um melhor conhecimento das formas que tinham as naus portuguesas constituindo assim um dos elementos mais valiosos deste tipo de iconografia quinhentista. A importância fundamental dos navios na Expansão Portuguesa foi afirmada em 1555 de forma bem expressiva por Fernando Oliveira ao escrever:

*E PORQUANTO OS NAVIOS SÃO NECESSÁRIOS PERA A ARTE DE NAVEGAÇÃO, E A NAVEGAÇÃO PERA A GENTE DESTA TERRA DE PORTUGAL, CUJAS VIVENDAS EM MUITAS PARTES DEPENDEM DO MAR; NÃO SOMENTE AS DO POVO, MAS TAMBÉM AS DO ESTADO REAL, QUE PELO MAR TEM MUITAS ILHAS E TERRAS E CONQUISTAS, AS QUAIS SE NÃO PODEM CONQUISTAR, NEM GOVERNAR SEM NAVEGAÇÃO.*

De entre a iconografia do brasão de Lisboa destacam-se as representações que dele se podem ver em três obras fundamentais para a História da cidade que correspondem aos seguintes códices do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa:

- 1 Regimento dos vereadores e oficiais da Câmara de Lisboa, conhecido por «Livro Carmesim», de 1502, que foi publicado em Livro dos regimentos dos vereadores e oficiais da câmara (Livro Carmesim), coordenação de Helena Neves e Marta Gomes; estudo introdutório, transcrição paleográfica, sumários e índices Edite Martins Alberto, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2020.*
- 2 Livro dos regimentos dos oficiais mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lixboa refomados por ordenança do Illustrissimo Senado della pelo LDº Duarte nunez do liam; Ano MDLXXII, que foi publicado em Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui nobre e sempre leal cidade de Lixboa (1572) por Vergílio Correia, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.*
- 3 Livro primeiro do tombo das propriedades foreiras à Câmara desta muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, que foi publicado em Livro primeiro de tombo das propriedades foreiras à Câmara desta muy insigne Cidade de Lisboa, 2 volumes, Câmara Municipal de Lisboa, 1950-1952, na série Documentos para a História da Cidade de Lisboa.*

Ao considerarmos aspetos relevantes nas representações das naus com o Santo Padroeiro de Lisboa começamos pela primeira que atrás referimos, aquela que se encontra no *Regimento dos vereadores e oficiais da Câmara de Lisboa*, códice em pergaminho iluminado concluído em 30 de agosto de 1502 por Frei Gonçalo, a qual é a mais importante e significativa deste conjunto.

Tal documento constitui uma importante peça da política reformista levada a cabo por D. Manuel I, refletindo, por um lado, o empenho que este rei manifestou em intervir na boa administração da capital e, por outro, a consciência de ser aí que assentava grande parte da sua força económica e política, a nível interno e externo. O sucesso da Expansão Portuguesa no Mundo, a opção estratégica que D. Manuel I mais privilegiou, era concomitante com o crescimento de Lisboa. Neste regimento foram inseridas duas iluminuras que assumem um lugar de destaque na iconologia de D. Manuel I. Tais imagens expressam a associação simbólica do rei à cidade através da colocação das suas armas e divisa junto ao brasão da cidade, associação que é reforçada através da presença dos besantes do escudo régio nas bandeiras que se encontram na nau que aí está representada.

A nau ocupa de forma original toda a extensão da folha do códice, com a exceção de uma margem inferior de 0,7 cm. A pintura foi danificada quando o pergaminho em que se apresenta foi aparado em cima e do lado esquerdo, tendo-se mantido a linha de esquadria que nela foi feita no lado direito. O corpo de São Vicente foi pintado dentro da nau com grandes proporções, estando acompanhado à proa e à popa pelos dois corvos tradicionais. A nau está assente sobre ondas pintadas a azul. O navio aqui exposto talvez represente a enorme nau que D. João II mandou colocar a meio da foz do Tejo para proteger o acesso a Lisboa, a qual veio a ser substituída pela Torre de Belém, que em 1514 D. Manuel I mandou erguer no Restelo. A representação da nau de quatro mastros que vemos nesta iluminura é não apenas a mais antiga que se conhece na pintura portuguesa, mas também a mais rigorosa, nela se encontrando detalhes decorativos das mareagens, as quais raramente estão

presentes na iconografia quinhentista de temas navais. Tal é o caso do enxertário, conjunto de cabos e peças de poleame convenientemente dispostos com o fim de sujeitar a verga ao mastro, que é de três fiadas no mastro grande e de duas nos mastros da proa (do traquete), do terceiro a contar da proa (da mezena) e do último (do contra, ou contramezena). No traçado deste navio de grande porte são de notar as *jeneladas* no castelo da proa, na tolda e do chapitêu (alcáçova ou castelo da popa), bem como as reixas (grades) que neste se vêem. De realçar também o pormenor arcaico do aparelho elevatório da gávea grande e as decorações do forro exterior do navio. Nos quatro mastros encontram-se bandeiras, devendo a que está no da proa conter a representação da esfera, a divisa de D. Manuel I, ainda que já esteja muito sumida, enquanto a do mastro grande tem a forma de uma extensa flâmula com uma cruz. As bandeiras dos dois mastros restantes apresentam os cinco besantes das armas reais. A reforçar a importância desta iluminura é de considerar a circunstância de constituir a imagem que nos permite visualizar melhor a forma das naus que fizeram viagens dos Descobrimentos tão significativas para a História da Humanidade como foram as que tiveram por protagonistas Vasco da Gama (1497-1499) e Pedro Álvares Cabral (1500-1501). O realismo da representação da altaneira nau da iluminura de 1502 contrasta com a simplicidade esquemática patente em gravuras impressas por essa altura, como é o caso mais significativo da nau publicada na edição de 1502 do *Marco Paulo*, a qual já havia sido editada em 1496 pelo seu impressor Valentim Fernandes no volume da *Estoria de muy noble Vespasiano (...)*. Assinalemos ainda que foi em 10 de fevereiro de 1502 que saiu de Lisboa rumo à Índia uma grande armada comandada por Vasco da Gama. Em 1572, setenta anos depois da representação da nau na iluminura que acabámos de apresentar, foi desenhada à pena e aguarelada

28

uma nau de três mastros no frontispício do *Livro dos regimentos dos oficiais mecânicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa*. Trata-se de um trabalho realizado com precisão onde se pode destacar a imagem da vela do traquete por ante e a vante do gurupés; da varanda de popa com o seu telhado, que é aqui desenhada pela primeira vez; as chamadas *latas* de apoio do falcão de proa e as *jeneladas* de proa e de popa. Neste desenho não estão presentes bandeiras e no convés da nau encontra-se uma representação da tumba com as relíquias de São Vicente que são vigiadas apenas por um corvo. É de assinalar que em 1572, no ano em que se produziu esta imagem, foi publicada a primeira gravura com a imagem de Lisboa no volume I da *Civetas orbis terrarum* organizado por Georg Braun, onde a

29

2 *Livro dos regimentos dos oficiais mecanicos da mui excelente e sempre leal cidade de Lisboa...*



apresentação de naus que se encontram no Tejo não segue um modelo português. Finalmente observamos a representação da nau que se encontra no frontispício do *Livro primeiro do tombo das propriedades foreiras à Câmara*, trabalho camarário com o tombamento das propriedades foreiras à Câmara conforme foi ordenado por alvará régio de 8 de junho de 1573. Tendo em conta esta data podemos admitir que o frontispício da obra terá sido feito algum tempo depois. Na pintura aqui exposta apresenta-se uma nau de três mastros na qual é de realçar a presença da bandeira real no topo do mastro grande e uma flâmula com a esfera armilar no segundo mastro; a varanda da popa; uma vela e, de forma insólita, a figuração de três corvos.

José Manuel Garcia  
Investigador (História)  
Gabinete de Estudos Olisiponenses, DPC, DMC, CML

3 *Livro primeiro do tombo das propriedades foreiras à Câmara desta muito noble e sempre...*



## São Vicente e a música

Saragoça e Lisboa, marcos extremos no percurso de São Vicente, foram desde muito cedo grandes centros de actividade religiosa, cultural e musical. Onde se encontra actualmente a Sé de Saragoça, existiu outrora o antigo *forum* da cidade romana de Cesaraugusta e, mais tarde, a mesquita maior de Saraçusta. Construída a partir do século XII, a catedral saragoçana sofreu inúmeras transformações até atingir a configuração que hoje se conhece. Diferentes estilos, do românico ao barroco, reflectem as sucessivas intervenções ao longo do tempo. O coro, com o seu cadeiral gótico e o órgão (cuja caixa conserva ainda elementos daquela época) testemunha uma actividade musical intensa. Como em outras regiões de Espanha, esta actividade atingiu um ponto culminante durante o chamado *Siglo de Oro español* – expressão que usualmente refere o período que compreende século XVI (a partir de 1492, data da Reconquista Cristã e da descoberta da América) e parte da centúria seguinte. O monge aragonês Sebastian Aguilera de Heredia (1561-1627) foi organista na Catedral de Huesca entre 1585 e 1603, assumindo mais tarde a posição de maestro de música na Catedral de La Seo em Saragoça e é geralmente considerado como a figura primeira da Escola Aragonesa. Dele sobrevivem várias obras para órgão

(que sobreviveram em cópias manuscritas) e o monumental *Canticum Beatissimae Virginis Deiparae Mariae. Octo modis seu tonis compositium, quaternis vocibus, quinis, senis et octonis concinendum*, uma colecção de elaborações sobre o *Magnificat* (nos oito tons eclesiásticos), destinada a uma formação vocal de quatro, cinco, seis ou oito vozes, impressa em Saragoça, na oficina de Pedro Cabarte, em 1618. O refinamento da polifonia de Aguilera de Heredia levou à difusão da sua obra por várias catedrais ibéricas. incluindo a de Lisboa: um exemplar deste seu *Canticum Beatissimae Virginis* é ainda conservado na Biblioteca Nacional de Portugal. O prestígio de Aguilera de Heredia nas terras lusitanas perdurou para além da sua morte, o que é atestado pela presença de obras suas num livro de coro manuscrito, elaborado em 1736 pelo copista Petroch Valentino. Este volume, preparado por ordem de D. João V, para uso na Capela Ducal de Vila Viçosa, conserva-se ainda hoje na Biblioteca daquele Paço Ducal. A acção de D. João V levou a uma profunda transformação no campo da música sacra em Lisboa e, por extensão, em todo o território português. A importação de músicos italianos (cujo exemplo mais expressivo é a contratação de Domenico Scarlatti), a concessão de bolsas de estudo em Roma para jovens músicos portugueses (como foi o caso de João Rodrigues Esteves) e a criação, em 1713, do

Seminário Patriarcal, foram responsáveis por uma progressiva italianização da música sacra portuguesa. Após a morte de D. João V, em 1750, a actividade musical na Diocese de Lisboa manteve a linha de orientação seguida ao longo décadas anteriores, embora com as limitações ditadas pela menor abundância de recursos económicos e, sobretudo, pela vaga de destruição causada pelo terramoto de 1755. O estilo de raiz italiana permanecia dominante e era patente não só nas obras escritas na primeira metade do século, cuja execução era recorrente, mas também nas de compositores contratados já no reinado de D. José I, como terá sido o caso do napolitano Giuseppe de Porcaris, que veio a exercer as funções de Mestre de Capela da Patriarcal. O vasto espólio musical do Arquivo da Sé Patriarcal, constituído maioritariamente por obras setecentistas, evidencia a importância da celebração de São Vicente na capital portuguesa, no século XVIII. Versões em música de todos os responsórios das Matinas da festividade daquele mártir, sobrevivem em manuscritos (autógrafos ou cópias) que ostentam os nomes dos mais importantes compositores activos em Lisboa: António Teixeira (1707-1774), João Rodrigues

Esteves (1699-1755), Carlos Seixas (1704-1742) e Giuseppe de Porcaris (1689-1772). Neste momento, em que se cumprem 850 anos sobre a chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa, propõe-se, no concerto de órgão e coro agendado para o dia 16 de setembro, no Mosteiro de São Vicente de Fora, a recriação de parte da componente musical associada à celebração do mártir em Saragoça e Lisboa. Serão executados, por um lado, um dos *Magnificat* de Sebastian Aguilera de Heredia (seguramente usado em Saragoça, a partir de 1618, nas Vésperas de São Vicente), alternado com obras de órgão do mesmo compositor no magnífico órgão histórico (João Fontanes de Maqueira, 1765) da igreja de São Vicente de Fora, e, por outro, alguns Responsórios das Matinas de São Vicente, tal como se praticaria em Lisboa por volta do ano de 1770, aliando responsórios escritos naquela data por Giuseppe de Porcaris e outros compostos anteriormente por Carlos Seixas e António Teixeira.

### João Vaz

Organista, titular do órgão histórico da Igreja de São Vicente de Fora, professor de órgão da Escola Superior de Música de Lisboa

IN NOMINE DOMINI  
Amen

Cum ubique patet evidenter, et sit notum quod Anno a Nativitate D. N. IESU Christi MDCCLXVII. Indictione X. Die vero XI. mensis Januarij, Pontificatus autem Nostri in Christo Patris & D. N. D. Clementis Divina Providentia Papa XI. anno eius XVII. Ego in fide scriptas publicas auctoritate Apostolica, et ordinatas ad formam Sacri Consilij Tridentini in hac Patriarchali Diocesi Vltorobornd occidentali Notarius approbatus, vidi, legi, et diligenter inspexi quaedam Transumptum Literarum apostolicarum ab Ego Dño Josepho Sacripanti Cardinali Prodatario subscriptum, et sigillis eiusdem Dñi Dñi munitum, cuius formam et sigillum, manibus Notarij publici in fide scripti informare cognovos, et mihi traditum ab Illmo Dño Dño Thomae de Almeida Sancte Ecclesie Vltorobornd occidentalis Patriarcha integrum, quidem et sanum, non vitiatum nec cancellatum, neque in aliqua parte abditum, ad effectum illud extrahendi, et publicum transumptum, seu copiam, in publica et autentica forma conficiendi, cuius tenor est ut sequitur.

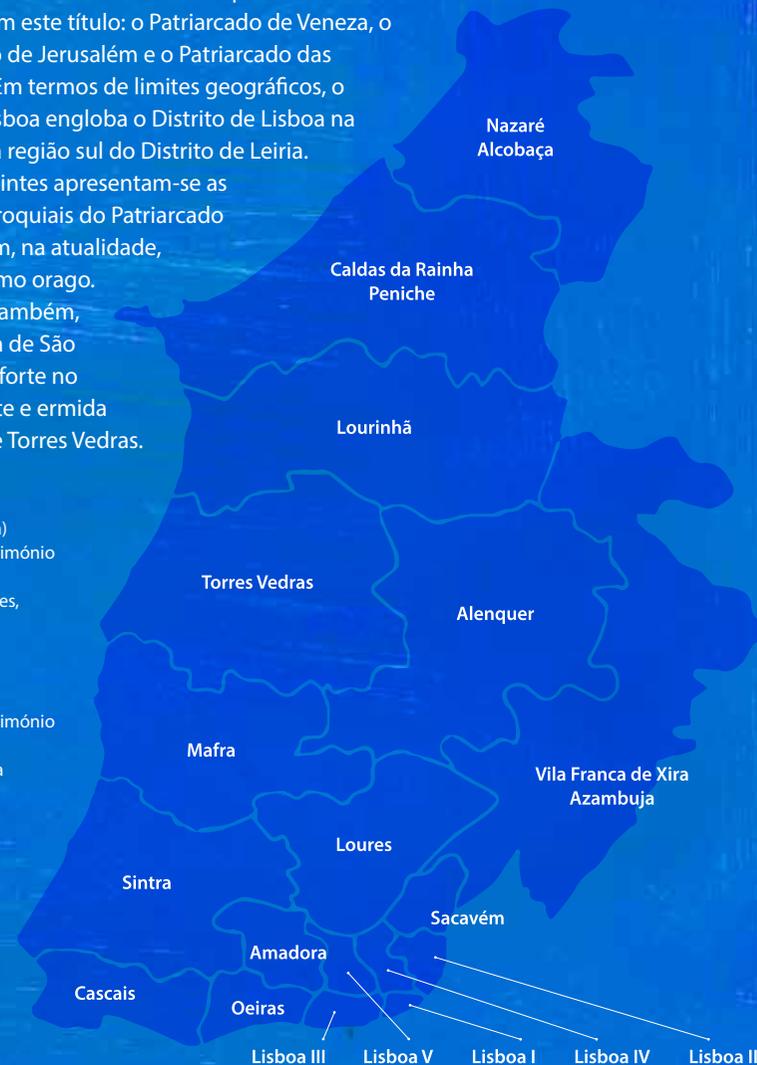
Bula do papa Clemente XI a nomear D. Tomás de Almeida, patriarca de Lisboa (fragmento), 1717  
Arquivo Municipal de Lisboa, Livro do Regimento dos Vereadores (Livro Carmesim), f. 195v., PT/AMLSB/CMLSBAH/CHR/0039/0223

## São Vicente no Patriarcado de Lisboa

O **Patriarcado de Lisboa** é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica em Portugal com sede em Lisboa, criada em 1716, em consequência da atribuição da dignidade Patriarcal ao arcebispo de Lisboa, pelo Papa Clemente XI, no reinado de D. João V (Bula «In supremo apostolatus solio», 7 de novembro de 1716). Na Igreja Católica de rito latino existem apenas mais três circunscrições com este título: o Patriarcado de Veneza, o Patriarcado latino de Jerusalém e o Patriarcado das Índias Orientais. Em termos de limites geográficos, o Patriarcado de Lisboa engloba o Distrito de Lisboa na sua totalidade e a região sul do Distrito de Leiria. Nas páginas seguintes apresentam-se as quatro igrejas paroquiais do Patriarcado de Lisboa que têm, na atualidade, o São Vicente, como orago. Acrescentou-se, também, referência à igreja de São Vicente de Rochaforte no Cadaval, e ao Forte e ermida de São Vicente de Torres Vedras.

**Edite Alberto**  
Investigadora (História)  
Departamento de Património Cultural, DMC, CML  
Centro de Humanidades, NOVA FCSH

**Hélia Silva**  
Arquiteta  
Departamento de Património Cultural, DMC, CML  
Instituto de História da Arte, NOVA FCSH



**Limites geográficos e vigararias do Patriarcado de Lisboa**  
(Patriarcado de Lisboa, <https://www.patriarcado-lisboa.pt/>)

## PARÓQUIAS COM ORAGO SÃO VICENTE NO PATRIARCADO DE LISBOA

### Alcabideche, Cascais

A etimologia do nome Alcabideche segundo alguns toponimistas, provém de uma palavra árabe, “al-qabdaq”, que significa “fonte de água” designação justificada pelos diversos cursos de água da região e fontes, duas delas grandes e especiais às quais se atribuíam virtudes medicinais. Alcabideche foi habitada por diversos povos, salientando-se a influência romana e árabe. A cultura árabe foi particularmente marcante. Alcabideche é citada pelos cronistas islâmicos desde o Século XI. Apesar da população de Alcabideche ser desde sempre muito devota de Nossa Senhora com registo de diversas aparições de Nossa Senhora na região que levaram à construção de diversas ermidas, capelas e igrejas nas localidades da paróquia. No entanto, a igreja Matriz de Alcabideche tem como padroeiro São Vicente, pensa-se que por influência da comunidade moçárabe que estava muito ligada ao culto do padroeiro de Lisboa. (Paróquia de Alcabideche, <https://www.paroquiadealcabideche.pt>).

34



Igreja Paroquial de São Vicente  
de Alcabideche, Cascais  
© José Vicente, 2023

### São Vicente

Século XV

Pedra policromada

Igreja Paroquial de São Vicente  
de Alcabideche, Cascais

© José Vicente, 2023



### Cercal, Cadaval

A aldeia do Cercal tem um rico património, destacando-se a Igreja de São Vicente que é um dos exemplares mais curiosos no conjunto dos monumentos religiosos do concelho do Cadaval, pois alia a notabilidade artística ao arcaísmo que existe no seu interior. Este edifício do século XVII revela características maneiristas e barrocas, destacando-se o notável revestimento azulejar do século XVII, do seu interior, e um painel de azulejos datado de 1664, no seu exterior. Destaque para uma tabela, no exterior do edifício, que informa que nesta casa pernitou o rei D. João IV, em 1645. Curiosamente, a freguesia parece ter sido uma área de fixação árabe ou moçárabe e a comprová-lo encontra-se ainda vestígios de um pequeno morabito numa elevação sobranceira à localidade do Cercal, importante vestígio arquitetónico atribuído ao período muçulmano. (CadavalCativa, [www.cadavalcativa.pt](http://www.cadavalcativa.pt)).

36



Igreja Paroquial de São Vicente  
do Cercal, Cadaval  
© José Vicente, 2023

### São Vicente

Século XVIII-XIX

Madeira policromada

Alt.: 925 mm

Igreja Paroquial de São Vicente do Cercal,  
Cadaval

© José Vicente, 2023





Interior. Igreja Paroquial de  
São Vicente do Cercal  
Cadaval  
© José Vicente, 2023

### São Vicente de Fora, Lisboa

Durante o cerco a Lisboa, em 1147, D. Afonso Henriques fez uma promessa: caso conseguisse conquistar a cidade mandaria erguer um mosteiro dedicado a São Vicente, um santo muito venerado entre os moçárabes. Esse mosteiro foi fundado no mesmo ano, do lado de “fora” das muralhas da cidade e assim se justifica a toponímia do edifício. Mais tarde, em 1580, dava-se início à Dinastia Filipina, cuja grande obra deixada foi a reconstrução do Mosteiro de São Vicente de Fora. Este projeto teve como principais arquitetos Filippo Terzi, Juan Herrera e Baltazar Álvares, e é considerada a primeira grande construção Maneirista em Portugal, que serviu de modelo a outras edificações religiosas.

No entanto, foi nos fastosos reinados de D. Pedro II e D. João V (séculos XVII e XVIII) que se aplicou o rico recheio artístico decorativo que se pode observar atualmente, nomeadamente os mármore embutidos e os painéis de azulejos. O Mosteiro esteve ocupado por cónegos da Ordem Regrante de Santo Agostinho, desde a sua fundação até 1834, data da extinção das ordens religiosas. No século XIX passa a pertencer ao Estado e nele é instalado o Liceu Gil Vicente, entre outros serviços estatais. Atualmente, o Mosteiro acolhe a Cúria do Patriarcado e um espaço museológico sobre os momentos mais importantes da história e do legado do Patriarcado de Lisboa (Mosteiro de São Vicente de Fora, <https://mosteirodesaovicentedefora.com>)

### Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora

c. 1940, Eduardo Portugal,

© Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/002069

40



(na página seguinte)

### Imagens de São Vicente

Pormenor do tecto da igreja (ao centro)

Madeira pintada

Igreja Paroquial de São Vicente de Fora

© José Vicente, 2023





Igreja, Mosteiro de São Vicente de Fora  
Lisboa  
© José Vicente, 2023

### **Vila Franca de Xira, Vila Franca de Xira**

Instalada no centro histórico de Vila Franca de Xira, a Igreja Matriz dedicada a São Vicente foi fundada em 1667 pela Ordem Terceira de São Francisco. Não se trata da Igreja Matriz primitiva, que estava implantada onde hoje se situa o Largo Conde Ferreira. O Terramoto de 1755 danificou seriamente o templo original. Quando reconstruído a sede paroquial foi transferida para aqui, tendo já no século XX sofrido novas intervenções. Hoje em dia muito alterada no seu interior, a igreja desenvolve-se numa só nave. Na fachada realça-se o brasão acima da porta que reproduz o símbolo da Ordem dos Franciscanos com os braços de São Francisco e de Jesus Cristo.

(Museu Municipal de Vila Franca de Xira, <https://www.museumunicipalvfxira.pt>)

### **Igreja Matriz de São Vicente**

de Vila Franca de Xira

Fotografia

Projeto de Realidade Virtual do Município

Museu Municipal de Vila Franca de Xira



### **São Vicente**

Séc. XVIII

Madeira pintada e dourada

Igreja Matriz de São Vicente

de Vila Franca de Xira

© José Vicente, 2023

## OUTROS LOCAIS DE CULTO VICENTINO NO PATRIARCADO DE LISBOA

### **Igreja de São Vicente**, Rochaforte, Cadaval

Localizada na periferia da povoação, a igreja de São Vicente, possivelmente datada do final do século XV ou início do século XVI, foi totalmente remodelada em 1756. Nos finais do século passado sofreu nova campanha de obras. Os contrafortes que apresenta no lado direito testemunham as opções arquitetónicas das construções anteriores. No altar-mor encontra-se uma imagem de São Vicente, datada do século XVI, em pedra policromada. A imagem, do ponto de vista iconográfico, tal como a maior parte dos exemplares quinhentistas, apresenta as insígnias do santo – o barco e a palma do martírio – respetivamente, na mão esquerda e na direita, e no corpo a dalmática de diácono. Sob a cabeça, em data desconhecida, foi colocado um resplendor.

46

### **Igreja de São Vicente de Rochaforte**

Cadaval

© José Vicente, 2023



### **São Vicente**

Século XVI

Imagem de pedra policromada

Alt.: 692 mm

Igreja de São Vicente de

Rochaforte, Cadaval

© José Vicente, 2023



**Capela e forte  
de São Vicente,**  
Torres Vedras

**1  
Forte de São Vicente / Obra Grande de São Vicente**

Construído em 1809 e considerado como uma das maiores e mais importantes obras militares de todo o sistema defensivo, o Forte estava munido com 26 peças de artilharia e possuía um contingente militar de 2000 a 2200 homens, podendo acolher cerca de 4000 soldados. Inserido na 1ª Linha do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras, construído no cimo de um monte, com planta em Y, e formado por 3 redutos abaluartados, assimétricos, separados por profundos fossos, o que exigia pontes levadiças para a sua ligação. Juntamente com o forte do Sobral é a fortaleza mais importante das Linhas de Torres, construídas no início do séc. XIX para deter o avanço dos franceses durante a sua 3ª invasão a Portugal. Possuía, no seu interior, um telégrafo ótico, que permitia uma rápida comunicação com o Forte do Grilo e com o posto de sinais da Serra do Socorro, o mais próximo do Quartel-General de Wellington. (Torres Vedras Turismo, [www.visitetorresvedras.pt](http://www.visitetorresvedras.pt); e SIPA, [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)).

**Forte de São Vicente**  
Torres Vedras  
© José Vicente, 2023



**2  
Capela de São Vicente.**

**Atual Centro Interpretativo das Linhas de Torres Vedras**

Referida documentalmente desde o século XII, teria sido fundada, no século anterior, por D. Afonso Henriques. Trata-se de um pequeno edifício de planta retangular, com capela-mor circular coberta por cúpula. Foi integrada no forte aquando da sua construção, no início do século XIX, e arruinada em 1846, com a Guerra da Patuleia. O forte foi recuperado em 1957, no entanto, a capela permaneceu em ruínas. O edifício foi recuperado recentemente pela Câmara Municipal de Torres Vedras e integra desde 2017, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras. O Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras, localizado na capela de S. Vicente, constitui-se como um espaço que pretende fornecer elementos para a contextualização histórica e interpretação das estruturas militares que integram o sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras, erigidas no decorrer da terceira invasão francesa a Portugal. Pretende também promover a visita a este património histórico-militar, que tem vindo a ser recuperado e valorizado no âmbito da Rota Histórica das Linhas de Torres. (Torres Vedras Turismo: [www.visitetorresvedras.pt](http://www.visitetorresvedras.pt); e SIPA, [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt)). A imagem de São Vicente, venerada nesta capela, foi transferida para a Capela de Nossa Senhora do Ameal, onde se encontra no altar-mor.

**Capela de São Vicente**  
© José Vicente, 2023



### Ermida de Nossa Senhora do Ameal

Ermida de origem medieval, edificada sob a invocação original de Nossa Senhora do Rocamador. Em meados do século XVI foi executada uma campanha de obras, que conferiu ao templo a sua traça atual, em que se destacam a galilé, de composição paladiana, e os frontões triangulares que encimam os pórticos das fachadas sul e poente. O interior alberga uma pia de água benta manuelina, dois retábulos de boa talha, datados da primeira metade do século XVIII, e azulejos hispano-árabes, que revestem o frontal do altar. Classificada como Monumento Nacional desde 1910, a Ermida, de uma só nave, preserva vários elementos medievais, como a torre sineira gótica, várias lápides insculturadas e a imagem policromada de Nossa Senhora do Rocamador. (Torres Vedras Turismo: <https://www.visitatorresvedras.pt>)  
Do recheio desta valiosa capela fazia parte a série de quatro tábuas, S. Pedro, S. Paulo, S. Lourenço e S. Sebastião, pinturas de meados do século XVI que hoje se expõem no Museu Municipal de Torres Vedras. No altar-mor está de há muito a velha imagem de madeira, bastante repintada, de S. Vicente, que se venerava na derruída ermida do Forte, imagem que é uma relíquia e, ao mesmo tempo, uma peça de valor iconográfico a reunir às várias representações do padroeiro da cidade de Lisboa. (Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, <https://scmtorresvedras.pt>)

50



Igreja de Nossa Senhora do Ameal

Torres Vedras

© José Vicente, 2023

### São Vicente

Século XVII

Madeira pintada

Alt.: 905 mm

© José Vicente, 2023



### Museu da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras

Imagem de São Vicente proveniente da Capela de São Vicente no forte com o mesmo nome.

Atualmente, por razões de segurança, no altar-mor, encontra-se uma réplica, estando o original preservado no Museu da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras

51



Igreja de Nossa Senhora do Ameal  
Interior  
Torres Vedras  
© José Vicente, 2023

## PARA SABER MAIS

Bibliografia breve sobre São Vicente

ALBERTO, Paulo Farmhouse, *Santos e Milagres na Idade Média em Portugal: Textos da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média*, Lisboa, Traduvárius, 2012, vol. 1.

CAEIRO, Mário (coord.), 2019, *Vicente. Símbolo de Lisboa. Mito Contemporâneo*, Lisboa, Theys Editores, Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes (IECCPMA).

CAMÕES, José (ed. e int.), 2006, *Obras - Afonso Álvares*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

CARDOSO, Isabel Maria Alçada (coord., org. e dir.), 2005, *São Vicente, Diácono e Mártir. Padroeiro de Lisboa. 1700 Anos do Martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano.

LOPES, Fernão, 1973, *Cronica del-Rei Dom Joham I: Parte Segunda*, Lisboa, Imprensa Nacional.

MIGNE, Jacques-Paul, 1855, *Patrologiae. Cursus completus. Serie Latina*. Paris, Ed. Jacques-Paul Migne, vols. 32-47 (Sermões de Santo Agostinho).

NASCIMENTO, Aires A., 2011, *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos.

NASCIMENTO, Aires A. e GOMES, António Saúl, 1985, *S. Vicente de Lisboa e seus Milagres Medievais*, Lisboa, Edições Didaskalia.

Serviços Culturais da CML, 1973, *VIII Centenário da Trasladação das Relíquias de São Vicente 1173-1973. Catálogo da Exposição Iconográfica e Bibliográfica comemorativa do VII centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

### Miradouro de Montes Claros

1944, Ferreira da Cunha

Arquivo Municipal de Lisboa

PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/003/ALB/006/000295



# 850 ANOS

## DA CHEGADA A LISBOA DAS RELÍQUIAS DE SÃO VICENTE

### ATIVIDADES COMEMORATIVAS

*Chave do Cofre aonde  
estão as Relíquias de S.  
Vicente.*



## 15 setembro

### **850 anos da chegada a Lisboa das relíquias de São Vicente**

Sessão solene nos Paços do Concelho, 17h30

### **São Vicente, uma herança para a Lisboa do Futuro**

Conferência proferida pelo Cardeal D. Tolentino de Mendonça.

*Evento organizado pelo Cabido da Sé e Câmara Municipal de Lisboa  
Participação sujeita a convite*

#### **Cardeal D. Tolentino de Mendonça**

Natural do Machico, Madeira, frequentou o Seminário dos Olivais e a Universidade Católica onde se licenciou em Teologia em 1989.

Foi ordenado sacerdote da diocese de Funchal em 1990. Obteve o grau académico de Mestre em Ciências Bíblicas no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Lecionou e foi Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa, instituição onde se doutorou em Teologia Bíblica.

Desde 2011 é nomeado consultor do Conselho Pontifício da Cultura.

Em 2018, Arquivista e Bibliotecário da Santa Igreja Romana e ordenado Arcebispo. Em 2019, foi elevado a Cardeal pelo Papa Francisco; em 2022 foi nomeado pelo Papa Francisco, Prefeito do novo e importante Dicasterio para a Cultura e a Educação criado no âmbito da renovação da Cúria Romana, com a entrada em vigor da nova constituição "Praedicate Evangelium", ficando com a tutela, nomeadamente, da rede escolar católica do mundo inteiro, com 1360 universidades católicas e 487 universidades e faculdades eclesiais com 11 milhões de alunos e outras 217 mil escolas com 62 milhões de crianças.

Entre as várias funções eclesiais que exerceu, foi publicando uma vasta obra de poesia, ensaio e teatro, distinguida com vários prémios, entre os quais o Prémio Cidade de Lisboa de Poesia (1998), o Prémio Pen Club de Ensaio (2005), o italiano Res Magnae, para ensaio (2015), o Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes APE (2016), o Grande Prémio APE de Crónica (2016) e o Prémio Capri-San Michele (2017).

Em 2020, o cardeal José Tolentino Mendonça venceu o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural, pelo seu contributo "excepcional" enquanto divulgador da cultura e dos valores europeus. Na atribuição do prémio, os membros do júri declararam ter ficado "impressionados com a capacidade que o Cardeal Tolentino Mendonça demonstra ao divulgar a Beleza e a Poesia como parte do património cultural intangível da Europa e do mundo".

Em 2022 recebeu o prémio D. Dinis e em 2023 o prémio Francisco Sá de Miranda.

## 16 setembro

Celebração litúrgica  
**Solene Pontifical**

11h  
Sé de Lisboa  
Entrada livre, sujeita à capacidade do espaço

Visita guiada  
**Mosteiro de São Vicente de Fora**

15h  
Museu do Mosteiro de São Vicente de Fora

Visita sujeita a marcação prévia:  
Mosteiro de São Vicente de Fora  
Telef. 218 810 559  
Email: [museu@patriarcado-lisboa.pt](mailto:museu@patriarcado-lisboa.pt)

Mesa-redonda  
**Um santo entre tempos**

16h30  
Claustro do Mosteiro de São Vicente de Fora  
Entrada livre, sujeita à capacidade do espaço

Conversa entre investigadores de distintas áreas do saber sobre a permanência da figura e do culto de São Vicente na atualidade.  
Organização: Núcleo de Estudos do Património / DPC/ DMC/ CML

Este encontro, moderado por Paulo Almeida Fernandes (EGEAC, Museu de Lisboa), conta com a presença dos seguintes investigadores convidados:

**Luísa Paonelli**  
(Docente, Universidade da Madeira)  
*A transversalidade da presença dos corvos em diversas mitologias*

**António Camões Gouveia**  
(Coord. projeto *reliquarium*, Museu de São Roque; NOVA FCSH)  
*Relíquias: das práticas ao culto*

**Gonçalo Elias**  
(Ornitólogo e coordenador do portal Aves de Portugal)  
*O corvo em Portugal e no mundo*

**João Luís Fontes**  
(Investigador, Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH)  
*São Vicente e Lisboa na época medieval*

**Santiago Macias**  
(Historiador, Panteão Nacional)  
*As comunidades moçárabes e os primeiros cultos cristãos*

Concerto de órgão e coro  
**S. Vicente: de Saragoça a Lisboa**

19h  
Igreja do Mosteiro de São Vicente de Fora  
Entrada livre, sujeita à capacidade do espaço

### Saragoça

**SEBASTIAN AGUILERA DE HEREDIA (1561-1627)**  
Obra de 8º tono: Ensalada  
Magnificat quarti toni  
Medio registro bajo de 1º tono  
Pange lingua

### Lisboa

**CARLOS SEIXAS (1704-1742)**  
Sonata em lá menor – Fuga para órgão

**ANTÓNIO TEIXEIRA (1707-1774)**  
Sacram beati Vincentii, a 4  
Si jubes Pater sancte, a 4

**CARLOS SEIXAS**  
Sonata para órgão em lá menor  
Ardebat Vincentius, a 8

**João Vaz**, órgão  
**Capella de S. Vicente**  
**Sérgio Silva**, órgão positivo  
**Marta Vicente**, violone e contrabaixo  
**Pedro Rodrigues**, direcção

## OUTROS EVENTOS COMEMORATIVOS

## CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

**22 janeiro 2024**

19h00

Sé de Lisboa

### **Solenidade de São Vicente**

Missa da solenidade de São Vicente, padroeiro principal do Patriarcado de Lisboa. Esta celebração, aniversária do martírio do Diácono São Vicente na cidade de Valencia em 304, inclui a renovação das promessas diaconais dos Diáconos Permanentes da diocese.

### **Informações**

Sé de Lisboa

Largo da Sé, 1 | 1100-585 Lisboa

E-mail: [info@sedelisboa.pt](mailto:info@sedelisboa.pt)

Telefone: +351 218 866 752



**Cofre relicário de São Vicente**  
Séc. XVI  
Sé de Lisboa

# AUTO DE SÃO VICENTE.



\*AVTO DO BEMAVENTVRADO  
Senhor Sam Vicente: em o qual breuemente se contém  
o seu martyrio, & a disputa que teve com Daciano  
Rey dos Gentios. Agora novamente seyto  
per Afonso Alvarez.



62

## REPRESENTAÇÃO TEATRAL

Dezembro  
**AUTO DE SÃO VICENTE**  
de Afonso Álvares

**Leitura encenada – Teatro Maizum**  
Mosteiro de São Vicente de Fora  
Direção artística: Silvína Pereira

Afonso Álvares nasceu no início do século XVI. Escreveu quatro autos e foi convidado pelos cônegos de São Vicente de Fora para apresentar o Auto de São Vicente nas salas adjacentes da Igreja do Mosteiro. Para o dramaturgo, a representação teatral era mais importante do que o texto. Após quatrocentos anos de silêncio e esquecimento será emblemático vermos no local para o qual foi concebido e representado, este singular Auto que mostra bem o talento criativo do seu autor.

**Informações**  
Teatro Maizum  
Rua das Chagas n.º 29 - 6º  
1200-106 Lisboa  
Telefone: + 351 965060275  
E-mail: teatro@maizum.pt

(na página anterior)  
**Afonso Álvares, Obras.**  
**Auto S. Vicente (fac-simile)**  
*In Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI*  
Centro de Estudos de Teatro, Fac. Letras,  
Universidade de Lisboa  
([www.cet-e-quinhetos.com/obras](http://www.cet-e-quinhetos.com/obras))

63





64



**São Vicente**

Moeda da oficina de Lisboa do  
reinado de D. Sebastião  
Junho 1557 / novembro de 1559  
© Museu do Dinheiro, Banco de Portugal



65



**Meio São Vicente**

Moeda da oficina de Lisboa  
do reinado de D. João III  
Julho 1555 / junho 1557  
© Museu do Dinheiro, Banco de Portugal



# EXPOSIÇÃO

## São Vicente, a Cidade e o Mar

*Exposição digital*

A partir de setembro na plataforma Rossio.pt

### Organização

Arquivo Municipal de Lisboa

FCSH NOVA - coordenação da plataforma Rossio.pt

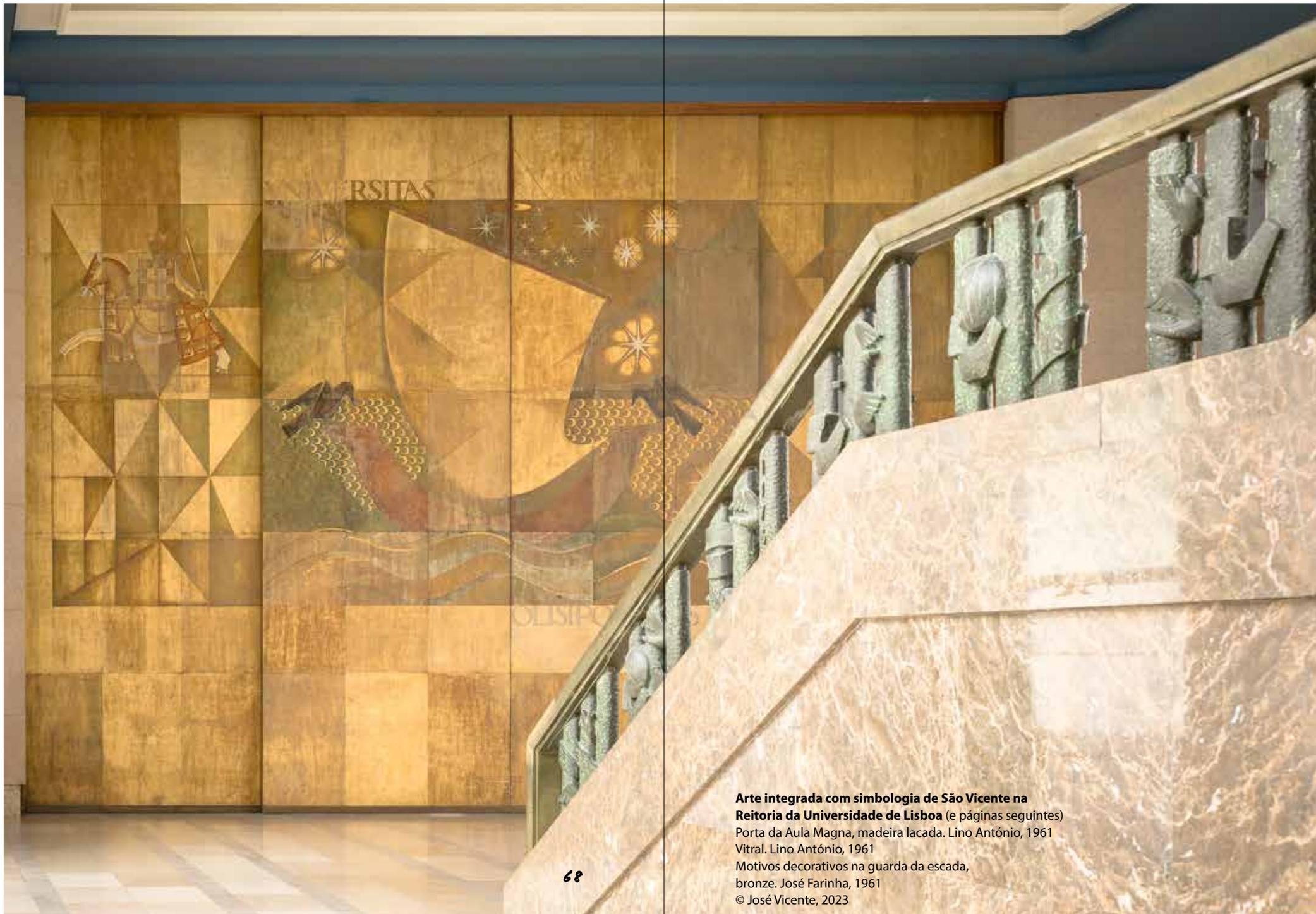
Exposição virtual organizada no âmbito das comemorações dos 850 anos da chegada das relíquias de São Vicente à cidade de Lisboa, alojada na infraestrutura “Rossio”, constituída por um consórcio de instituições culturais e educativas à qual a Câmara Municipal de Lisboa pertence. Indo ao encontro do conceito destas exposições digitais enquanto “narrativas estruturadas a partir dos recursos digitais do consórcio ROSSIO, apostando na diversidade de tipologias documentais e na curadoria científica”, pretende-se explicitar o modo como a memória de santidade de São Vicente e o seu culto se desenvolveram, na estreita relação com a cidade e com o ambivalente mundo marítimo, sobre o qual o santo se mostra um eficaz protetor.

Reunindo uma grande diversidade de testemunhos - da arte à arquitetura, da fotografia e documentação de arquivo à heráldica ou aos registos do quotidiano urbano, a exposição articula-se em três núcleos, intitulados:

- São Vicente: o santo (do martírio às relíquias)
- São Vicente e a cidade
- São Vicente e o mar

### Informações

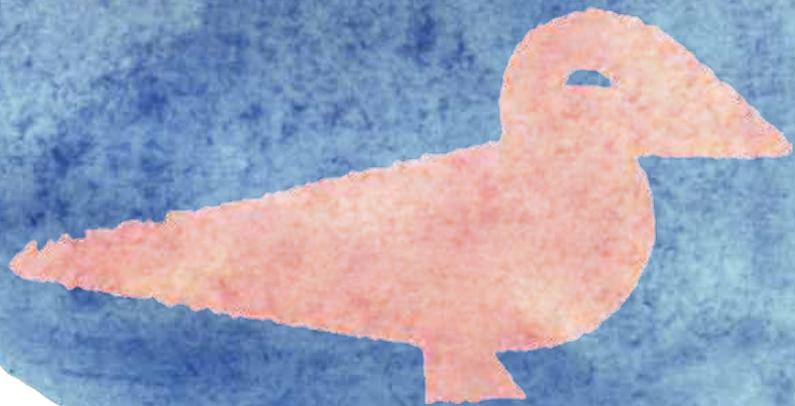
Divisão de Arquivo Municipal  
Rua B, Bairro da Liberdade, lote 3 a 6, piso 0  
1070-017 Lisboa  
Telefone: +351 218 177 200  
E-mail: [arquivomunicipal@cm-lisboa.pt](mailto:arquivomunicipal@cm-lisboa.pt)



**Arte integrada com simbologia de São Vicente na  
Reitoria da Universidade de Lisboa** (e páginas seguintes)  
Porta da Aula Magna, madeira lacada. Lino António, 1961  
Vitrail. Lino António, 1961  
Motivos decorativos na guarda da escada,  
bronze. José Farinha, 1961  
© José Vicente, 2023



## CONFERÊNCIAS COLÓQUIOS



### **Ciclo Vicentino**

Organização  
Grupo Amigos de Lisboa

Iniciado a 15 de abril, com a conferência  
“Um santo, muitas relíquias” proferida por  
Paulo Almeida Fernandes (EGEAC / Museu de Lisboa),  
o ciclo constituirá um local de encontro de investigadores  
e de atualização do conhecimento sobre São Vicente

outubro a dezembro  
Palácio Ulrich  
(Amoreiras)

Programa, consultar em  
[www.amigosdelisboa.com/](http://www.amigosdelisboa.com/)



#### **Informações**

Grupo Amigos de Lisboa  
Rua Portugal Durão, 58 A, 1600-187 Lisboa  
Telefone: 217800156, E-mail: [amigosdelisboa@sapo.pt](mailto:amigosdelisboa@sapo.pt)

## Conferência

*Barcas e corvos na emblemática olisiponense  
O culto de São Vicente na heráldica  
municipal de Lisboa*

## Exposição

*"Ex-libris olisiponenses"*  
Organização  
Academia Portuguesa de Ex-libris

Orador e responsável pela exposição  
Arq.º Segismundo Ramires Pinto  
(APEL | IPH | CH-AAP)

**30 de setembro**

15h00 – 17h30

Salão da igreja do Sacramento  
Rua Almirante Pessanha, nº. 1



## Informações

Academia Portuguesa de Ex-Libris  
Rua Almirante Pessanha, n.º 1, 1200-002  
[Salão do R/c (ao Sacramento, Chiado)]  
E-mail: [academiaportuguesadeexlibris@gmail.com](mailto:academiaportuguesadeexlibris@gmail.com)  
[www.facebook.com/apel.direccao](http://www.facebook.com/apel.direccao)

74

## Conversas com São Vicente

Organização  
Grupo Amigos de Lisboa

Encontro de investigadores  
e interessados na história  
e culto de São Vicente.

**21 de outubro**

Palácio Ulrich  
(Amoreiras)

## Programa

consultar em  
[www.amigosdelisboa.com](http://www.amigosdelisboa.com)



## Informações

Grupo Amigos de Lisboa  
Rua Portugal Durão, 58 A  
1600-187 Lisboa  
Telefone: 217800156  
Email: [amigosdelisboa@sapo.pt](mailto:amigosdelisboa@sapo.pt)

75

## Fragmento de Bordo de talha

Barro vermelho, Séc. XV  
Trabalho arqueológico  
Armazéns Sommer  
© José Vicente 2015

# PERCURSOS E VISITAS TEMÁTICAS

Visita temática

**São Vicente**

**Passado e Presente**

Organização: Mosteiro de  
São Vicente de Fora

9 de setembro

14 de outubro

11 de novembro

9 de dezembro

11h00

Visita guiada organizada pela equipa do Mosteiro de São Vicente de Fora, no âmbito das comemorações dos 850 anos da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa.

O Mosteiro de São Vicente de Fora contará com uma nova visita temática sobre o seu importante orago e santo padroeiro do Patriarcado de Lisboa. Por que razão foi escolhido São Vicente como orago do Mosteiro? Quem foi São Vicente? Como identificar a sua iconografia? Qual a sua importância? Onde é que se encontram as suas representações na Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora?

**Informações e marcações**

<https://mosteirodesaovicentedefora.com/com-os-santos-da-casa/>



76

Visita temática  
**Com os Santos da Casa**

Organização: Mosteiro de  
São Vicente de Fora

2024

20 e 22 janeiro

11h00

Visita guiada organizada pela equipa do Mosteiro de São Vicente de Fora, sobre os dois santos patronos do Mosteiro: São Vicente e São Sebastião.

**Informações e marcações**

[https://mosteirodesaovicentedefora.com/com-os-santos-da-casa/Mosteiro de São Vicente de Fora Largo de São Vicente 1100-472 Lisboa](https://mosteirodesaovicentedefora.com/com-os-santos-da-casa/Mosteiro%20de%20S%C3%A3o%20Vicente%20de%20Fora/Largo%20de%20S%C3%A3o%20Vicente/1100-472%20Lisboa/)  
Telefone: +351 218 810 559  
Email: [museu@patriarcado-lisboa.pt](mailto:museu@patriarcado-lisboa.pt)

77

Percurso pedestre  
**Rota da transladação das relíquias de São Vicente**

Organização: CML | Divisão de Promoção e Comunicação Cultural

2023  
26 setembro  
17 outubro  
21 novembro  
10h00

2024  
23 janeiro, 10h00

D. Afonso Henriques terá prometido recuperar as ossadas do mártir São Vicente caso conquistasse Lisboa. E assim o fez em 1173, havendo dois corvos que protegeram a nau durante a viagem de regresso a Lisboa. A 15 de setembro de 1173, as relíquias foram depositadas na Igreja de Santa Justa e no dia seguinte, foram trasladadas para a capela-mor da Sé, tornando-se São Vicente padroeiro de Lisboa. Neste itinerário iremos acompanhar a rota percorrida pelas relíquias e aprofundar a sua história.

**Informações e marcações**

CML | Divisão de Promoção e Comunicação Cultural

Telefone: 218170742

E-mail: [itinerarios.culturais@cm-lisboa.pt](mailto:itinerarios.culturais@cm-lisboa.pt)



Percurso autocarro  
**Representações iconográficas de São Vicente na cidade**

Organização: CML | Divisão de Promoção e Comunicação Cultural

2023  
28 setembro  
19 outubro  
23 novembro  
10h00

2024  
25 janeiro, 10h00

D. Afonso Henriques terá prometido recuperar as ossadas do mártir São Vicente caso conquistasse Lisboa. E assim o fez em 1173, havendo dois corvos que protegeram a nau durante a viagem de regresso a Lisboa. A 15 de setembro de 1173, as relíquias foram depositadas na Igreja de Santa Justa e no dia seguinte, foram trasladadas para a capela-mor da Sé, tornando-se São Vicente padroeiro de Lisboa. Neste percurso iremos descobrir e redescobrir a importância e diversidade da presença desta imagem identitária de Lisboa na nossa cidade.

**Informações e marcações**

CML | Divisão de Promoção e Comunicação Cultural

Telefone: 218170742

E-mail: [itinerarios.culturais@cm-lisboa.pt](mailto:itinerarios.culturais@cm-lisboa.pt)

**Cofre-relicário contendo as relíquias de São Vicente**

Índia, Guzarate, Séc. XVI  
Madeira, madrepérola, prata, veludo  
Sé de Lisboa



**São Vicente, portal sul  
do Mosteiro dos Jerónimos**

Fotografia, 1959

Salvador de Almeida Fernandes

© Arquivo Municipal de Lisboa

PT/AMLSB/CMLSB/PCSP/004/SAL/000269

## OFICINA PARA FAMÍLIAS

### São Vicente e os Corvos

16 setembro, 10h30  
Palácio Pimenta

Um barco e dois corvos. Encontramos estes dois elementos desenhados na calçada, nos candeeiros, nas tampas de esgoto, no brasão da cidade de Lisboa e em muitos outros locais, espalhados na via pública. O que significam? Nesta oficina para famílias, a leitura do conto São Vicente e os Corvos é o ponto de partida para explorar os símbolos da cidade e descobri-los nas várias peças do museu.

Depois, damos asas à imaginação e através do desenho e da técnica de colagem, recriamo-los em cartolina, para que possas contar o seu significado a quem não os conhece.



### O Cofre das Relíquias

16 setembro, 15h00  
Palácio Pimenta

Recuamos ao dia da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa.

Como era a cidade em 1173?

Nesta viagem à Lisboa do século

XII, descobre-se o brasão da

cidade e o que representa.

Organização: Museu de Lisboa  
Inscrições: Blueticket

#### Informações

Museu de Lisboa, Palácio Pimenta

Campo Grande, 245

1700-091 Lisboa

Tel: + 351 217 513 200

E-mail: [info@museudelisboa.pt](mailto:info@museudelisboa.pt)



**Pedra de Armas da cidade de Lisboa**

Autor desconhecido

Séc. XVI - 2ª metade

Calcário

Museu de Lisboa

MC.ESC.0410

Baixo-relevo proveniente do

Chafariz do Desterro



## O Brasão de Lisboa Breve história com mais de oito séculos

Brochura  
Outubro

Organização: Departamento de Marca e Comunicação, com o apoio do Departamento de Património Cultural / Direção Municipal de Cultura (Gabinete de Estudos Olisiponenses, Centro de Arqueologia de Lisboa e Arquivo Municipal) e EGEAC (Museu de Lisboa).

Os símbolos heráldicos de Lisboa – uma nau e dois corvos – estão presentes em fachadas de edifícios, candeeiros de iluminação pública, peças de cerâmica, bancos de jardins, tampas de saneamento, e em muitos outros locais onde se pretende sinalizar património e autoridade municipal. No entanto, poucos lisboetas conhecerão a origem e a história destes símbolos. E menos ainda saberão que o brasão e a bandeira municipais foram, nalgumas ocasiões, motivo de polémica, por vezes acesa, em sessões de câmara e publicações. Discutiram-se formatos da embarcação, discutiu-se o número de corvos, discutiram-se as cores e o padrão da bandeira, e até a matriz religiosa do brasão, mas raramente se pôs em causa a presença dos principais elementos iconográficos: a nau e os corvos representam Lisboa desde, pelo menos, o século XIII.

### Informações

Departamento de Marca e Comunicação  
Rua Nova do Almada, 53 - 1º | 1200-288 LISBOA  
T. geral (+351) 218 172 500 | (+351) 218 172683  
E-mail: dmcom@cm-lisboa.pt

84

## 850 anos da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa

Artigo dedicado ao público juvenil  
*Jornal Kivo*, nº 6, jornal do Arquivo Municipal de Lisboa para o público escolar

(último trimestre de 2023).  
Organização: Serviço Educativo da Divisão  
de Arquivo Municipal / CML

### Informações

Arquivo Municipal de Lisboa  
<https://arquivomunicipal.lisboa.pt/servicos/servico-educativo>  
Telefone: +351 218 844 060  
e-mail: [arquivomunicipal.se@cm-lisboa.pt](mailto:arquivomunicipal.se@cm-lisboa.pt)

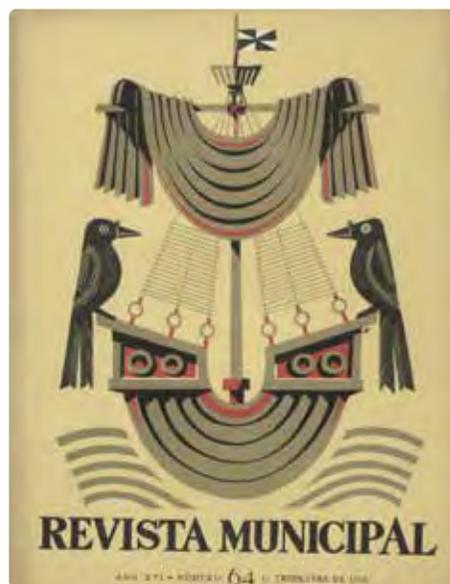
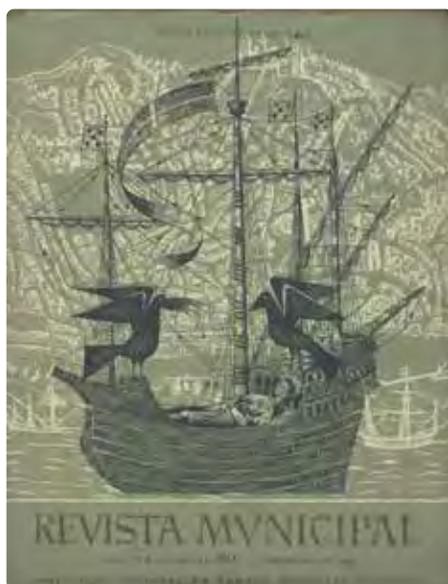
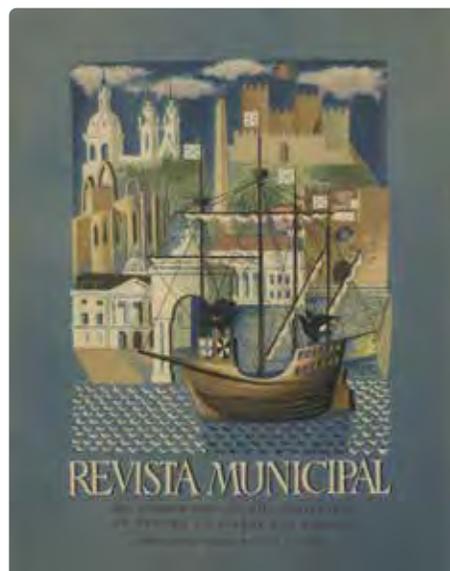
## São Vicente em Lisboa

Publicação para público juvenil

Texto: Maria Teresa Maia Gonzalez  
Ilustração: Abigail Ascenso  
Editora: Paulinas

A história passa-se no Bairro da Graça. Bernardo, um adolescente de 11 anos que cedo se interessa pela história de S. Vicente e pelo papel protetor assumido pelos corvos que acompanharam os restos mortais do Santo. Quando a professora de Português propõe à turma a biografia de um herói, enquanto os colegas escolhem futebolistas e atores, Bernardo escolhe São Vicente e, com a ajuda da avó e de um vizinho que foi alfarrabista, escreve a sua biografia, que apresentará, oralmente, à turma.

85



**Revista Municipal**

Publicação da Câmara Municipal de Lisboa

N.º 1, capa de Roberto Araújo

N.º 33, 2º trimestre de 1947, capa de Carlos Ribeiro

N.º 80, 1º trimestre de 1959, capa de José Espinho

N.º 64, 1º trimestre de 1955, capa de Fred Kradolfer

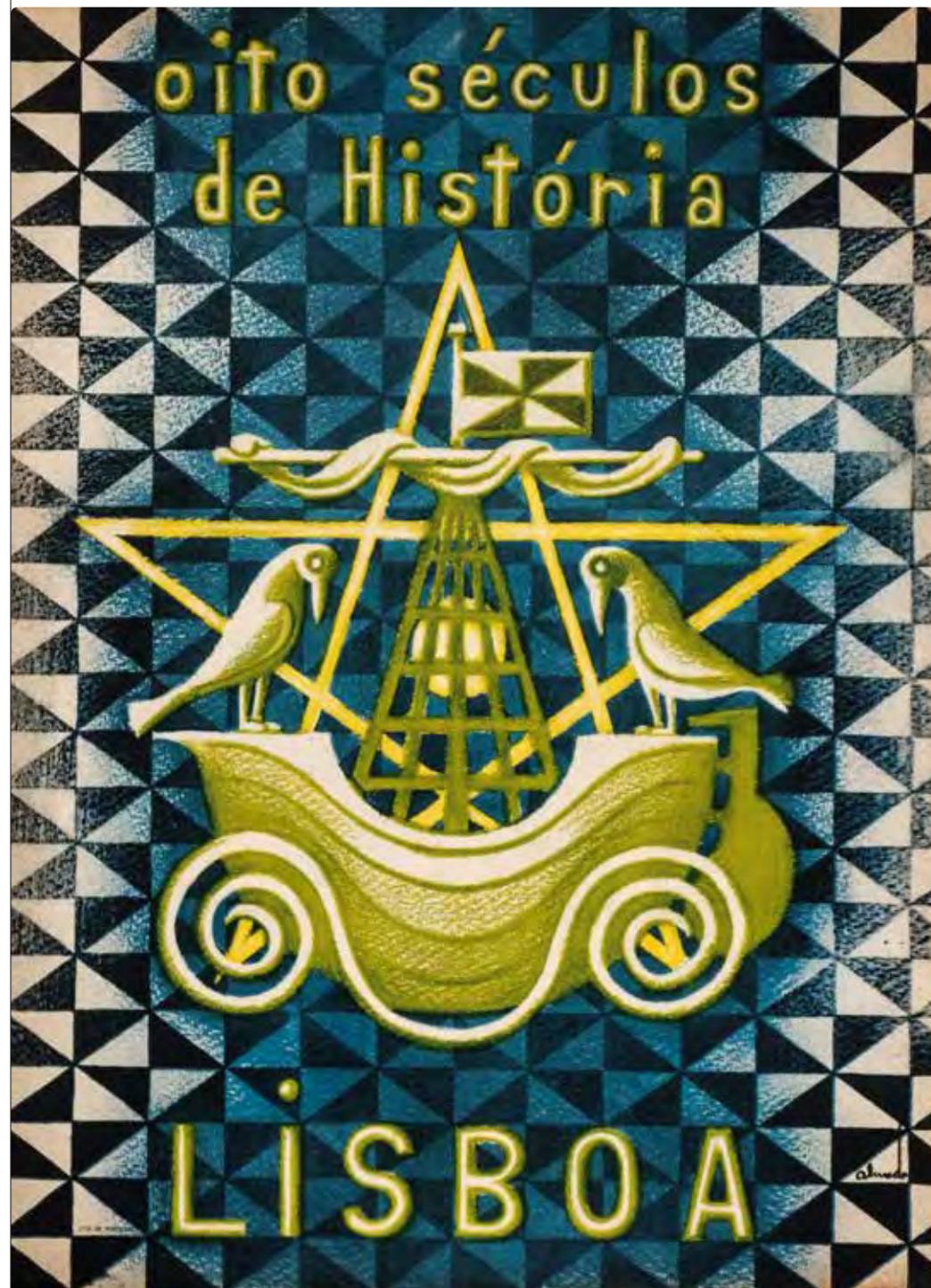
(pág. seguinte)

**Lisboa. Oito séculos de História**

Coord. Gustavo de Matos Sequeira

Capa Almada Negreiros, ca. 1946/47

Câmara Municipal de Lisboa



# WORKSHOP

novembro

## Lisboa e São Vicente

Dirigido a Guias-Intérpretes

Organização: Gabinete de Estudos Olisiponenses

Composto por duas conferências e uma visita guiada, aborda a vida, o culto e a iconografia de São Vicente.

### Informações

CML / Gabinete de Estudos Olisiponenses

Palácio do Beau Séjour

Estrada de Benfca, 368

1500-100 Lisboa

Telefone: (+351) 21770110

E-mail: geo@cm-lisboa.pt



*"... AO SABADO PELA TARDE  
COMEÇARAM DE DOBRAR O CABO  
DE SAM VICEMTE, E POR RAZOM  
DE CERTAS RELIQUIAS QUE ALI  
JAZIAM, MESURARAM TODAS SUAS  
VELAS EM DOBRANDO O CABO  
POR SINAL DE REVERÊNCIA..."*

Gomes Eanes de Zurara,  
1450, *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. LI

### Pedra de Armas da cidade de Lisboa

Autor desconhecido,

Séc. XVI - 2ª metade, Calcário

Museu de Lisboa, MC.ESC.0411

Alto-relevo proveniente da

Rua dos Arameiros

# ARTE URBANA

outubro

A Galeria de Arte Urbana do Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa tem como principal missão a promoção do *graffiti* e da *street art* em Lisboa, dentro de um quadro autorizado e segundo uma ótica de respeito pelos valores patrimoniais e paisagísticos, em oposição aos atos ilegais de vandalismo que agridem a Cidade.

A GAU organiza este ano o Festival MURO\_LX 2023 na área de Alcântara. Este Festival, criado em 2016, tem o propósito de promover a Arte Urbana na cidade de Lisboa, através do apoio à criação e à produção de novas obras em espaço público, e difundir os seus autores, nacionais e estrangeiros.

A cada edição, o MURO\_LX intervém numa freguesia da cidade, proporcionando a descoberta de um novo território através da arte, revelando o seu património material e imaterial, em estreita cooperação com os artistas e também com as comunidades, as instituições e os agentes locais.

Neste sentido, a GAU associa-se a estas comemorações com uma Pintura de Mural alusiva ao tema dos 850 anos da chegada das Relíquias de São Vicente a Lisboa.





